

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Hélio. Hélio Silva (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 50min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Hélio Silva
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro; Thiago Augusto Esteves Kunis;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 11/02/2015 a 11/02/2015

Duração: 3h 50min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1950; Anos 1970; Anos 1990; Assembleia Legislativa; Casamento; Chile; Copa do Mundo; Emílio Garrastazu Médici; Esportes; Eventos e comemorações esportivas; Família; Formação profissional; Governo municipal; Hélio Silva; Imprensa; Japão; Jornalismo; Laudo Natel ; Liderança política; Movimentos políticos; Mulher; Polícia; Política; Redemocratização; Santos Futebol Clube; São Paulo; São Paulo Futebol Clube ; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 11.02.2015 Apresentações iniciais; nascimento em São Paulo; origens familiares; a infância e a relação com o futebol e o São Paulo Futebol Clube; a influência do pai e o trabalho na Gazeta Esportiva; a primeira ida ao estádio; a torcida do São Paulo nos anos 1950; a relação da Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp) com o São Paulo nos anos 50; as sedes da Tusp; a torcedora “Filhinha” e algumas outras torcedoras; jogo marcante em 1967 contra o “imbatível” Santos Futebol Clube; a formação e a carreira como lutador; a primeira viagem para assistir a um jogo do São Paulo; a Tusp na década de 70; o perfil dos sócios da Tusp; jogo marcante na década de 70; a presença de Emílio Garrastazu Médici na abertura do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) em 70; a presença de João Figueiredo e Laudo Natel em alguns jogos do São Paulo; a relação com Laudo Natel; o contato com Paulo Machado de Carvalho; as idas às Copas do Mundo; a relação com Vicente Matheus; a ida ao jogo do Sport Club Corinthians Paulista em 1974 com a esposa torcedora da Gaviões da Fiel; os líderes da época do Santos, Palmeiras e Corinthians; a relação com o carnaval; a violência e o fanatismo nas torcidas; o episódio do adiamento do nascimento da filha para assistir ao jogo; a relação com Muricy Ramalho; o clima de hostilidade na final contra o Clube Atlético Mineiro no Mineirão; o surgimento da Torcida Tricolor Independente em 1972; o repúdio à violência nas torcidas e a relação hostil de outras torcidas com a Tusp; o surgimento de novas torcidas do São Paulo nos anos 1970; a relação com a imprensa, com os jogadores do São Paulo e com o clube; o surgimento e o funcionamento da Associação das Torcidas Organizadas de São Paulo (Atoesp); a atuação da Atoesp no período da redemocratização e em movimentos políticos; a posição da Atoesp em relação ao preço dos ingressos; a relação da Tusp com o São Paulo; a relação com Adamastor e Danilo Zamboni; o enterro simbólico do Dallora; os jogos no interior; a relação com Ademir de Barros (Paraná) e com Telê Santana; a ida ao Japão nos anos 1990; a saída da Tusp e a relação atual com a torcida; a contratação de Walter Casagrande em 84; a Tusp atualmente e a relação com a independente; o episódio do confronto no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); a questão de proibições nas torcidas e das bandeiras; as repercussões da morte de Cléo Sóstenes e a violência nos estádios; o nível de controle de um líder de torcida organizada nos associados da torcida; a repressão dentro do estádio e a falta de prevenção do lado de fora; o episódio com Eurico Miranda; vivências de conflitos de multidões na torcida; cânticos da torcida e a ida ao Chile; o episódio do porco

do Palmeiras; opiniões e repercussões do apelido “Bambi” para são paulinos; a questão da construção de estádios e arenas para a Copa do Mundo e da mudança de perfil do frequentados do estádio de futebol; a Copa do Mundo no Brasil; opiniões sobre o Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi); o trabalho como assessor parlamentar de Walter Abrahão na Assembleia Legislativa e opiniões sobre a vida política municipal; a torcedora Elisa Alves do Nascimento do Corinthians; a importância da história das torcidas e das comemorações; agradecimentos finais.

Entrevista: 11/02/2015

B.H. - Projeto Territórios do Torcer, uma parceria entre a Fundação Getúlio Vargas e o Museu do Futebol. Participam dessa gravação Bruna Gottardo, José Paulo Florenzano e Bernardo Buarque. Boa tarde, Hélio Silva, muito obrigado por aceitar nosso convite, por vir aqui ao Museu do Futebol para conversar conosco sobre as suas lembranças da sua trajetória no futebol. Eu gostaria de iniciar perguntando se o senhor nasceu aqui na cidade de São Paulo?

H.S. - Nasci em São Paulo, Itaquera.

B.H. - Em que ano o senhor nasceu?

H.S. - 2 de novembro de 1938.

B.H. - Seus pais também eram da cidade de São Paulo?

H.S. - Meu pai era cearense e a minha mãe filha de italianos.

B.H. - Então imigrantes?

H.S. - Imigrantes.

B.H. - Seus avós o senhor conheceu?

H.S. - Conheci minha avó.

B.H. - Materna?

H.S. - Materna. Não conheci meu avô.

B.H. - Conta um pouco sobre sua infância, desde criança já gostava de futebol, como foi a escolha do São Paulo Futebol Clube?

H.S. - A escolha do São Paulo é que desde garoto... o Paulinho tem um dizer até pitoresco que muitos jornalistas já me fizeram essa pergunta “porque seu fanatismo, porque você é tão são-paulino? Há quanto tempo você é são paulino?” Eu falei desde quando minha mãe namorava com meu pai e tinha segundas intenções. [risos] Já era são paulino. Então aí, eu garoto, meu pai contava muita história, ele é nordestino, mas já torcia para o São Paulo. Então ele contava até história que no Maracanã, eu fiquei em Itaquera num barranco, era um barranco, eu vi a seleção vindo na volta, quando perdeu, eu era garotinho. Ficamos o dia inteiro esperando lá, essa seleção que perdeu, eles vieram de trem e eu estava no barranco lá, e meu pai contava que no Maracanã, que os jogadores saiam do meio do Maracanã, eu achava que tinha um buraco e eles saiam, e no jogo ele não me levava na época porque tinha medo de me levar, mas ele me fez ser são paulino assim e eu desde garoto acompanho o São Paulo, eu vi o São Paulo ser campeão em 53, vi o São Paulo ser campeão em 57, seja, em cima do Corinthians e em 53 em cima do Corinthians.

B.H. - Então foi seu pai quem mais te influenciou pela escolha do clube?

H.S. - Sem dúvida, foi ele.

B.H. - Qual era a atividade do seu pai, o que ele fazia?

H.S. - Meu pai na época trabalhava na *Gazeta Esportiva*, ele foi funcionário da Casper Líbero. E até quando a gente era garoto saía *Gazeta Esportiva* tipo seis, sete horas, acabava o jogo no Pacaembu, porque a tradição era o Pacaembu, e aí eu e meu irmão, garoto, íamos lá no Cine Universo, que não tem mais, no cine Piratininga, na porta a hora que saía o público a gente vendia aquelas pilhas de jornal da *Gazeta Esportiva*. Então eu também fui um minijornaleiro. [risos]

B.H. - O senhor lembra a primeira partida de futebol, o primeiro estádio em que o senhor assistiu uma partida?

H.S. - Estádio foi o Pacaembu. Eu por esse estádio tenho tanto carinho por esse estádio, que isso é um símbolo de São Paulo, uma história tão linda, não é? E eu também tive várias partidas e aí nós pulávamos. Eu morava na Liberdade e nós vínhamos naqueles bondes e a gente ia de um lado para o outro para os caras não cobrar, a gente vinha chocando o bonde, e descia lá em cima na Paulista e vinha, pulava o muro lá atrás e a gente não pagava, pulava. Depois, chegou um tempo que teve um jogador que chamava Silva, revelado pelo São Paulo, e depois ele foi para o Flamengo, para a Espanha, foi muito famoso, jogou no Corinthians numa época que era ele e o Lima e o Ney, que é pai do Dinei, eu vi também o Dinei nascer, eu também que levei o Dinei para jogar no São Paulo, que não deu certo, aí mandei ele para o Corinthians. Ele queria jogar de centro avançado e não de volante. O preparador nosso era o Carlinhos, aí ele foi para o Corinthians. O pai dele era um grande amigo meu, como é o Lima até hoje, está vivo, e o Silva que hoje é advogado, está no Rio de Janeiro. Então ele arrumava para a gente os ingressos, ele treinava no São Paulo, aí ele arrumava convite, ingresso ou dava na porta a carteirinha dele para os outros, só que ele era de cor, eu era branco então eu não passava. [risos] Foi assim que eu fui me tornando um amante do Pacaembu e do futebol.

B.H. - Então quando o senhor nasceu a sua família morava em Itaquerá e depois se mudou para Liberdade, e aí ficava mais próximo para vir aqui para o Pacaembu. Estamos fazendo essa gravação no estádio Pacaembu que foi construído em 1940, então o senhor tinha dois anos de idade, essa primeira partida o senhor lembra que idade o senhor tinha?

H.S. - Aqui no Pacaembu foi na década de 50. O ano mesmo... Eu sei que eu vim em 53, o São Paulo ganhou, mas antes eu já tinha vindo, já vinha no Pacaembu. Eu vinha ver, tinha um aspirante o Paulo Marin, jogou muitas vezes esse aspirante Marin, foi jogador

do São Paulo nessa época, e eu acompanhava tudo. Se tivesse um jogo de botão do São Paulo eu ia, eu não perdia nada do São Paulo, nada. Você vê que Murici, até a pouco tempo, ele falou para meu filho... O Murici quando tinha 13 anos, no campo do Nacional, ele foi campeão de ponta direita, ele está no meu ombro, pena que eu não estou com essa foto aqui, eu estou carregando, eu dei uma volta olímpica com o Murici no meu ombro. É São Paulo [inaudível] a gente gosta, eu sou um amante do São Paulo.

B.H. - E nessa época, anos 50, como era a torcida do São Paulo?

H.S. - A torcida do São Paulo começou assim, até eu não sentava ali que pagava, era do lado de cá, onde era diferente, era arquibancada, mas não sei se era um pouco mais elitizada, não sei, sei que a gente não ficava no meio, ficava dos lados. Então ali sentava já com a faixa da bandeira, que está até no meu notebook. Os fundadores da Tusp, que foi a primeira torcida uniformizada do São Paulo e do Brasil é a Tusp, Torcida Uniformizada, foi fundada por Manoel Raimundo de Almeida, Porfírio da Paz, Laudo Natel, Arnaldo Ruik, aqueles grandes são paulinos, que alguns já se foram. Aí essa torcida não tinha registro, ela foi fundada na década de 40, um documentário, que vinha já uma torcida, aí eu peguei todos esses elementos para eu registrar ela, aí quem registrou ela fui eu, dei essa continuidade toda da Tusp.

B.H. - O senhor lembra quando foi esse registro?

H.S. - Esse registro foi em 69, foi registrado em cartório em 69, com a data de 1940.

B.H. - Então esse setor do estádio em que você ficava, que era mais para o lado, não na parte central do campo, já havia essa torcida que se reunia...?

H.S. - Já, está em jornais da época. Inclusive eu tenho essa foto aí, já nessa década de 40, mostrando que realmente estava lá eles todos com a camisa número dois do São Paulo, todos esses ilustres são paulinos estão na arquibancada.

B.H. - E chamava torcida uniformizada porque justamente usava o uniforme do time em campo?

H.S. - É, eles que puseram esse nome uniformizada. E só permitiam usar essa camisa. E eu mantive essa tradição depois na sequencia. Eu queria que viesse de calça branca, como vinha toda a torcida e essa camisa número dois.

B.H. - Então a torcida usava a camisa número dois?

H.S. - Exato. A Camisa número dois é a camisa oficial da torcida.

B.H. - Tinham instrumentos musicais?

H.S. - Tinha, pois é. Nós tivemos uma banda. Quem cuidava disso o nome dele era Babaçu, a banda eram uns velhinhos, eles vinham com os instrumentos de sopro, batucada

e caixa, tinha cinco instrumentos. Esses velhinhos vinham. E o São Paulo pagava para esses velhinhos, pagava um cachezinho simbólico, e todos os jogos eles estavam presente, mas eles não viajavam, só Pacaembu, Morumbi, enfim, estádio que fosse aqui dentro da cidade. Eles nos acompanharam até 75 mais ou menos, aí entrou as baterias, daí mudou tudo, a bandinha ficou de lado.

B.H. - Nos outros clubes também tinham bandas

H.S. - Tinha uma banda que era do Flamengo, que tem até hoje.

B.H. - A Charanga?

H.S. - Charanga.

B.H. - Jaime de Carvalho?

H.S. - Isso, é o Jaime de Carvalho perfeito, eu conheço ele, conheci ele, conheci todo aquele pessoal da época. A gente se comunicava.

B.H. - Palmeiras, Corinthians, Santos tinham bandas?

H.S. - Não tinham. Quando eles vieram só com instrumento de percussão, de sopro não tinha nada, só quem tinha eram as bandas. As bandas tinham dois, três instrumentos metálicos.

B.H. - Então a Tusp tinha uma banda e a torcida tinha adereços, confete, serpentina? Como era a animação do jogo?

H.S. - A nossa torcida copiou isso do Fluminense, eu copiei do Fluminense. Eu vi que o Fluminense jogava pó de arroz, aí nós, tricolor por tricolor, também comecei a fazer essa festa com papel picado e todas essas coisas de carnaval a gente fazia, papel higiênico, muito papel higiênico, tinha um conselheiro do São Paulo que tinha uma distribuidora e ele dava muitos pacotes de papel higiênico e nós jogávamos, achava bonito jogar, era muito bonito aquilo. Hoje está tudo proibido, então a gente fazia essa festa, era essa nossa alegria, era bandeira e jogar pó de arroz. E até em 86 que nós fomos campeão no Guarani, nesse dia eu ia morrer com o próprio veneno, eu quase morri afogado com talco. Mas foi por Deus que um torcedor do lado estava com água, me deu água, eu já estava perdendo o fôlego, era muito talco, eu levava muito talco. Quando nós fomos campeões em 77 eu levei 1200 sacos, eram saquinhos de 25 quilos, que também ganhei, foi doado.

B.H. - Essa banda tinha alguma música específica, algum cântico ou era só uma animação?

H.S. - Era só animação, não tinha cântico. O hino do São Paulo, mas não tinha assim alguma coisa como tem hoje, várias músicas, até algumas que eu não concordo, fala em violência. Torcida não é para falar em violência, e já na própria música fala em violência,

então isso me deixou um pouco de lado. Mas o hino do São Paulo a gente já vinha cantando. Teve até uma época que o hino do São Paulo, eu me lembro, antigamente não se cantava o hino do São Paulo, era difícil, aí eu e meu compadre Pêrsio Rainho, que era meu vice na torcida, depois se tornou diretor no São Paulo, foi diretor de futebol, revelou Kaká, foi meu compadre, Pêrsio Rainho. Aí ele fez uma gravação e aí nós fazíamos serviço de autofalante do São Paulo, e a gente fazia cinco, dez mil papéis e dava para o torcedor para cantar nosso hino, a gente fazia para cantar nosso hino, na década de 70, e aí o serviço de autofalante falava, e aí começou, graças a Deus, as torcidas todas cantam o hino, e o são-paulino mais do que nunca canta o hino. Mas eu e o Pêrsio Rainho fomos os que começamos a doutrinar o torcedor.

B.H. - E ainda nesse princípio da Tusp os integrantes em sua maioria eram sócios do clube ou não tinham uma relação direta com o clube?

H.S. - Difícil ser sócio naquela época, era muito difícil. Agora, tinha conselheiros do São Paulo, associados do São Paulo que sentavam com a gente, e muitos tinham carteirinha, eu fiz carteirinha para muitos, principalmente os três filhos do Milton Neves se tornou são paulino, um pouco pertence a mim porque eu roubei deles, os três. Eu e um conselheiro do São Paulo que chama Francisco Caleve, ele levava os meninos pequeninhos, falei, faz a carteirinha, fazia e levava, então os três são são-paulino.

B.H. - Tinha alguma sede fora do estádio, fora do clube?

H.S. - Antes tinha, nós tínhamos na rua Direita, 190, 1º andar, foi um conselheiro do São Paulo que cedeu na época.

B.H. - Onde fica, que bairro fica? Desculpe minha...

H.S. - No centro, rua Direita, logo na primeira esquina, segue, é o primeiro prédio. Agora já reformou tudo, não tem nada a ver.

B.H. - Quando o senhor chegou na torcida já existia a sede ou foi o senhor que criou?

H.S. - O São Paulo não tinha sede. De modo geral se reunia assim, mas não tinha a sede.

B.H. - Essa sede da rua Direita foi criada quando? Anos 70 já?

H.S. - Já anos 70, 70 já tinha a sede.

B.H. - Vocês guardavam as bandeiras?

H.S. - Não. O doutor Aidar cedeu uma sede para nós no Morumbi, uma sala enorme. Então nós tínhamos sede lá para os jogos, e para os associados era na rua Direita.

B.H. - Mudou muito então o período do Pacaembu quando o São Paulo passou a jogar no Morumbi na forma de torcer? Porque foi inaugurado em 70, vinha sendo construído desde os anos 50, qual foi o impacto do Morumbi para a Tusp, para a torcida?

H.S. - No Morumbi a gente já tinha a sede, e nos anos 60 quando o São Paulo inaugurou três parques que era de madeira lá no fundo, eu caí lá, estava lotado, e eu estava nesse jogo, e depois em 70 concluiu, mas o primeiro jogo contra o Sporting, um gol do Peixinho, o primeiro a homenagear ele dentro do campo fui eu. O Peixinho tem essa fixa até hoje, eu homenageei o Peixinho. E o São Paulo também que fez o primeiro quadro que está lá. Mas em 70 aí já inaugurado contra o Porto, aí nós já tínhamos sede lá dentro, tudo. Aí a gente começou a ter o nosso lugar certo da torcida e ali ficou simbolizado para sempre, a Tusp ali, era um lugar só nosso ali.

B.H. - Qual era o setor da Tusp?

H.S. - Era em cima na arquibancada, estando na frente, olhando para o fundo, no lado esquerdo, ali naquele canto todo era o nosso espaço.

B.H. - Durante muito tempo havia alguns torcedores símbolos em cada clube. No São Paulo falava-se muito da Filhinha. O senhor a conheceu?

H.S. - Demais. A Filhinha era minha companheira eterna, que viajou tanto comigo, uma são paulina tão doente, você entrava na casa dela com os olhos fechados, aonde você pudesse escolher você ia botar a mão numa coisa do São Paulo, fanática demais, uma coisa, como tinha na Ponte Preta, a Conceição, como tinha a Elisa do Corinthians, eu me dava com todas essas mulheres, do Palmeiras a dona Edi, todas, da Portuguesa. A gente tinha prazer de conversar com elas porque elas em campo, sendo mulher, não ia tanto mulher na época, e elas eram a representante feminina no estádio. Então foram grandes símbolos que hoje não tem mais em nenhuma torcida. A Conceição ainda está viva, está lá no Ponte. Mas eu não tenho conhecimento, a dona Edi também já sumiu, já se foi, Filinha.

B.H. - A Filhinha faleceu quando?

H.S. - Foi na década de 80. Até dr. Aidar mandou rezar uma missa para ela no Largo do Patriarca, naquela igreja, acho que foi 87 ou 88, mas foi na década de 80 que ela faleceu. Era símbolo da torcida. Tinha até uma revista que tinha ela, podia ter trazido, ela está na capa.

B.H. - Então dos anos 50 o senhor lembra desse jogo de 1953 quando o São Paulo foi campeão?

H.S. - Em 57.

B.H. - Nos anos 60 teve algum jogo marcante?

H.S. - Tem um marcante que marcou minha vida, sim. Em 67 nós tínhamos que ganhar do Corinthians de 1x0 e nesse dia eu ia fazer a semifinal na *Globo*, eu ia lutar com o

Rasputino, um lutador, e eu ia estar com uma camisa do São Paulo e uma faixa de campeão e eu fui no jogo. E tinha, vamos dizer, não tinha mil corintianos nesse dia, tinha pouco, o São Paulo estava bem, o Corinthians estava mal, aí o Benê fez um gol de canela lá e empatou, e no outro domingo a gente ia ter que jogar com o Santos. Quem ganhava do Santos naquela época? Era quase que impossível. Então esse dia foi a maior frustração minha. E aí não pude entrar com a camisa do São Paulo, e para minha infelicidade ainda, quando acabou, que eu estou saindo da *Globo*, na rua das Palmeiras, quem eu encontro na porta? O Raul Gil e o Benê, os dois, e eles tiraram uma comigo. Essa foi marcante para mim esse jogo que a gente seria campeão em 67.

B.H. - O principal rival nessa época era o Santos?

H.S. - O Santos era imbatível. Quem viu, viu. Eu fui ver muitas vezes porque eu gostava de ver o Santos jogar. Acho que não tem quem não gostava, era lindo, maravilhoso ver o Santos jogar. Eu fui ver Santos 11, Botafogo zero, fui ver Santos 4, Milan 2, no Maracanã, fui ver vários jogos, depois me tornei amigo do Pelé, o qual sou até hoje muito amigo dele. Fui o primeiro a homenagear ele, que na casa do Jair Rodrigues, eu sou padrinho de casamento do Jair Rodrigues, e ele na casa dele falou, você quer fazer uma homenagem para mim, é o último jogo, ninguém sabe, que eu vou jogar com o São Paulo, e eu fiz uma homenagem para ele, a camisa eu ia dar para o Jair Rodrigues, que é santista, e nós atrás do gol, ganhando de 1x0, até os 38 minutos, aí o Samuel, que hoje não está mais aqui, fez um pênalti nele, aí ele fez assim, aí essa camisa ele não conseguiu dar para o Jair porque o José Carlos Serrão, era jogador do meio, a imprensa tudo em cima, em cima da gente, pediu a camisa, o Jair deu para ele, então tem uma foto eu, o Pelé, o Serrão, e o Jair Rodrigues junto, a camisa ficou para o Serrão nesse dia, e eu fui o primeiro a homenagear o Pelé, quando eu estava nas despedidas dele.

B.H. - O senhor mencionou uma luta, o senhor era lutador?

H.S. - Fui lutador, lutei na *Globo* durante três anos, na *Excelsior* dois anos, na *Record* cinco anos.

B.G. - Mas o senhor era atleta do São Paulo?

H.S. - Não, não.

B.H. - Quando o senhor começou a lutar?

H.S. - Eu lutava com a camisa do São Paulo por fanatismo meu, mas... [risos] Eu tinha honra de falar e de ver que eu era são paulino.

B.H. - E quando o senhor começou a lutar, desde menino, de garoto, como?

H.S. - Eu comecei fazendo judô, depois fiz karatê, tive uma academia muito famosa na época, no Largo Paissandu 51, em cima do Ponto Chic, no qual na época treinou, era famoso na época, o Wanderley Cardoso, Jerry Adriane, Sergio Reis, Walter Negrão, Regis Cardoso treinaram comigo, na minha academia, e tantos outros que iam lá. Tim Maia frequentou muito a minha academia, até que quando fez essa reportagem dele agora, talvez não me acharam ou não sabiam da história. Tim Maia, quando veio dos Estados Unidos, ele dormiu várias vezes na minha academia. Era um grande amigo que eu tinha.

B.H. - Até quando o senhor lutou, até quando o senhor teve essa academia?

H.S. - Essa academia foi até 70, depois eles iam desocupar o prédio, reformaram, até o restaurante embaixo saiu, depois tornou a voltar, por tradição o Ponto Chic ali voltou.

B.H. - E nesse período além de lutar o senhor tinha alguma atividade, trabalho, como era?

H.S. - Eu só lutava. Eu era contratado da *Globo*, pagava. Não dava tempo, a gente viajava todo Brasil, direto. O programa era líder de audiência na época. A gente era... Tinha uma revista que chamava *Intervalo*, saía os dez programas de maior audiência, nós não saímos do primeiro ao terceiro. Tenho aí as revistas, a gente era de maior audiência.

B.H. - E as pessoas que iam aos jogos reconheciam você da televisão?

H.S. - Demais. Até o Juarez Soares brincava, quando eles viam... falava “ah, brigar com o Hélio Silva é ruim.” Eu era muito forte, eu tinha um físico privilegiado, treinava muito. Mas eu nunca fui, nunca tive manchete de dizer que eu dei pancada em alguém, eu brigava quando era necessário, porque, tinha lugar, como em Marília, contra a Ponte Preta, era um caso sério, se você não brigava, você morria, tem lugar que você tem que brigar, como na Argentina. Eu briguei lá sozinho, só eu com a camisa do São Paulo, os conselheiros lá tudo de terno... [risos] Não era mole, não, era difícil. Eu vi o cara queimando minha mulher com cigarro e o Marinho nas costas, aí foi pancadaria que não acabou mais, veio parar dentro do campo, brigava por isso, para me defender, mas pelo meu físico, por ser lutador, nunca fiz isso, não. Nunca tive uma manchete dessas, não.

B.H. - O senhor mencionou as viagens, o senhor lembra da sua primeira viagem para ver um jogo do São Paulo?

H.S. - A primeira viagem minha com o São Paulo foi em Campinas, foi contra o Guarani. Essa foi a primeira viagem, que a gente levou 12 ônibus, na época era difícil levar assim. Mas eu era um torcedor, que tem aí nos pais, que até hoje os filhos, casado lembro, quando era jogo esperto assim, eu saía da av. Ipiranga onde era a sede do São Paulo 1267, saía dali os ônibus, e aí os pais, quando era jogo em Jundiaí, Campinas, deixavam os filhos comigo, e eu levava eles e trazia, falava “meia noite a gente está aqui”. E não acontecia

nada, os pais confiavam em mim. Quantas e quantas vezes eu fiz isso, ainda tem uns aí que estão vivos, falam isso, que época boa. Porque eu era um líder, líder mesmo, a gente sabia conduzir a torcida. Quem viu eu dirigir a torcida, viu eu fazer isso. Eu tinha liderança, era diferente de hoje. E comportamentos, era diferente, não é hoje. Hoje a própria violência vai trazendo mais violência.

B.H. - Um número aproximado, quantos integrantes na época em que o senhor foi líder, a Tusp tinha?

B.H. - Mais ou menos uns 12 mil, porque era difícil torcer para o São Paulo na época, ia sete, oito gomos do Corinthians, Palmeiras um pouco menos, e nós ia três, aí eu fazia os torcedores sentarem bem aberto, eu brigava o tempo todo para eles não se encostarem um no outro, nem marido e mulher, namorado, nada. [risos] Eu ficava doido, e a corda lá, e a polícia querendo empurrar para cá, e eu querendo empurrar para lá. Aí eu levava, a Pênalti me dava 100, 200 camisas, o dono, Roberto de Stefano, ele dava camisa, eu levava 100, 200 camisas lá dentro da sede, e os torcedores vinham de camisa comum, e eu pegava a carteirinha, dava a camisa para eles colocar, para fazer número. Quem visse achava que a nossa torcida era 200, que era minha, minha... era a torcida, mas levava... porque eles tinham medo de apanhar na rua. Realmente nossa torcida era muito pequena na época, ela foi crescer na década de 70. Você vê que depois de 70 para cá, nós fomos campeões quatro décadas seguidas, ninguém ganhou nesses 40 anos mais título que o São Paulo, os mais importantes do mundo. Então hoje, eu fico tão feliz com essa torcida, não com a violência, que eu nunca concordei com violência, mas eu fico feliz de ver. Hoje eu vejo em Goiás, em Brasília, algumas vezes eu vou junto, no Rio, eu fico abismado de ver hoje a torcida do São Paulo, no norte. Porque antigamente a *Globo* só passava os jogos do Rio, então influenciou muito os nordestinos, o Nordeste todo, só os times do Rio, então hoje eu vejo o São Paulo lá, o São Paulo hoje divide estádio em Brasília, em Goiânia, então eu estou muito feliz com isso porque eu batalhei muito para que a nossa torcida crescesse. E eu estava direto com vocês jornalistas, eu não saía de televisão, mesa redonda, participava de tudo. “Mesa Redonda” no *Canal 11*, que era líder de audiência, eu estava sempre, porque o Roberto sabia que eu era do bem, aí eu falava, e para minha felicidade eu tive a honra, estava falando para eles, que o Farah que chamou, falou, ele é muito meu amigo, eu homenageei o Farah, eu fazia na torcida do São Paulo, depois o Palmeiras começou a fazer, eu homenageava no fim do ano o melhor jornalista, o melhor jogador revelação, árbitro, tudo isso aí eu fiz. Aí em 75 eu homenageei o Farah como o melhor diretor do Guarani. Aí na televisão ele quis me colocar, ele disse, vou indicar você, não sei se você

vai ser aprovado, que são seus adversários, mas eu vou indicar você para ser um diretor dentro da federação para vocês torcedores terem direito a voto. E me levou lá, eu de terno lá, tenho a revista até hoje do dia da posse, e ele me indicou. Falou, “tenho uma novidade para vocês...”, aí falou bastante do torcedor, que nós éramos a razão de tudo, falou para todos “eu trouxe aqui meu amigo Hélio Silva”, aí eu fui aplaudido, cada um fez questão de pegar o microfone para falar. Os 23 me elogiaram e fui por unanimidade diretor, quatro anos por conta das torcidas, aí fiz uma diretoria, também fui o único e só, não teve mais isso. Todas essas coisas para mim somam positivas, de os adversários, podia chamar do Corinthians, Palmeiras, então tudo isso eu falei, por quê? Porque alguma coisa de bom eu estava fazendo, fiz nas torcidas. Às vezes, pouca gente... O Brasil tem mania de esquecer rápido as coisas, infelizmente nós somos assim.

B.H. - E esses sócios da Tusp quem eram em geral os integrantes da torcida? Qual era o perfil, jovens, mais velhos, homens, mulheres, classe média, como era?

H.S. - Eu fazia muita questão que os pais fossem com os filhos. Inclusive no São Paulo eles me davam a liberdade, eu inventei um futebol de criança, com uma bola enorme, e aí na rádio, no jornal, eu convocava os pais levarem os filhos, com as camisa número um, número dois. Então juntava aqueles meninos antes do jogo, 40, 50 minutos antes, punha 100 de um lado, 150 do outro, o pai ia e pagava, os meninos não, era arrecadação para o São Paulo. [risos] Eles empurravam a bola para lá, outros empurravam para cá, ficava doido, e os pais me ajudando. Sabe? Mas era um jeito que agregava o pai com o filho, no futuro eles iam ser torcedores, e o pai estava ali perto dos filhos agradando eles, então isso eu fiz muito tempo. E não só aqui, fiz em Araraquara, em Campinas, em outros lugares, eu falava para a torcida leva... Em Campinas o são paulino, eu fazia isso para eles fazerem essa divulgação lá, fiz várias vezes em Araraquara. Uma rapinha de criança, eles não olhavam nem jogo, eu pus dois palhaços de perna de pau um numa trave e outro no outro, e as bolas passavam pelo meio das pernas, tipo assim de brincadeira, todas essas coisas. A Tusp foi a única torcida que quando ia jogar no interior, eu fiz uma faixa oficial “A Tusp parabeniza os seus adversários”. Então a gente dava uma volta olímpica, eu pegava o presidente da torcida adversária, com as bandeiras misturadas, dava uma volta olímpica, e no meio eu pegava uma moça que dava um ramallete de flor para o capitão da torcida, fiz tudo isso aí, essa época romântica, gostosa. Queria que o público visse, pô, os dois desfilando juntos, porque vamos brigar? Eu era desse jeito, fazia isso. Tinha muita gente que me criticava, achava que tinha que ser adversário, tinha que brigar, eu sempre tive essa linha.

B.H. - Então o perfil da Tusp era mais familiar, vamos dizer assim?

H.S. - É, é, eu fazia questão que viesse o pai, a mãe. Quando as famílias viajavam comigo, que eu punha a turma da bagunça nos ônibus lá para trás, então mulher e filhos iam separado, separava, e eu falava, cada um que ia comandando um ônibus, eu falava, “está ele tomando conta aqui, o primeiro que beber ou fazer qualquer coisa errada, para o ônibus no pior lugar, onde estiver bem mato, escuro, aí o motorista para e ele desce”. [risos] e assim eu fiz muitas vezes. Eu descí muitas vezes torcedor no meio da estrada, cansei de fazer isso. Então era muito duro assim. A gente tinha um comando mesmo. A gente fazia para que eles soubessem que a torcida, eu queria trazer já da época antiga, do Manoel Almeida, Laudo Natel, esses caras tinham esse perfil, então eu queria todos eles assim, que o próprio conselheiro do São Paulo viesse na torcida, então eles também vinham, via meu comportamento, sempre me parabenizando “pô, tua conduta...”, aí pegava esses torcedores, escolhia dez, 20, nunca tinham entrado em vestiário, eu escolhia, levava eles para o vestiário para eles conhecerem o Morumbi lá dentro. Teve época que eu ia de sábado, que não tinha jogo, convidava para o jornal, televisão, que o torcedor são paulino não conhecia sua própria casa, “venha conhecer de sábado, eu espero vocês nove, dez horas da manhã aqui, para vocês conhecerem todo o Morumbi”. Cansei de fazer isso, para que o torcedor conhecesse o Morumbi, e hoje não fazem mais isso, hoje fecham tudo. Acho que é uma pena, tem que deixar o torcedor, que ele é a razão de tudo, eu fiz muito isso. Eu realmente trabalhei muito pelo São Paulo, sem ganhar nada, sem ganhar nunca nada.

B.H. - Hélio, a gente mencionou uma partida dos anos 50, 60, nos anos 70 já na época do Morumbi, qual foi a partida que te marcou neste estádio, na época que os estádios tinham mais de cem mil torcedores, como o Maracanã, o Morumbi, o Mineirão?

H.S. - O que me marcou nós fomos campeão em 70 e 71. Em 72, os dois que disputavam eram os dois melhores times de São Paulo, o São Paulo e o Palmeiras, o Palmeiras com a sua Academia, e nós íamos ser tricampeão, o São Paulo já me frustrou duas, três vezes assim. E aí o São Paulo com o Palmeiras jogou de um jeito que eu não gostei na época, o São Paulo jogou para ser vive invicto, e o Palmeiras invicto campeão. Então esse jogo foi o que mais me marcou, nossa! Eu sonhava em ser tri, fiz faixa, tive que esconder tudo. [risos]. Ninguém sabia, não é? Mas eu fiz faixa, um monte de coisa para entrar no campo, fazer aquela festa, e não deu certo.

B.H. - E acabou que a Academia, o Palmeiras foi também bicampeão brasileiro em 72, 73. Nesse momento mudou a rivalidade, deixou de ser o Santos para ser o Palmeiras nos anos 70?

H.S. - Não, até 74 ainda era o Santos. Até o Pelé parar era problema. O Pelé, nossa, eu só não gostava de ver ele jogar contra o São Paulo, mas fui ver 11 anos seguidos, Corinthians e Santos, não perdi um clássico, porque eu ia ver o Santos ganhar do Corinthians, e ganhou 11 anos. Então essa era a alegria, como torcedor a gente quer que o adversário perca, mas não rivalidade, nada, era só no futebol mesmo.

J.F. - A abertura do Morumbi em 70, no jogo contra o Porto ao qual você fez referência, a Tusp fez uma festa em especial nesse jogo, foi em janeiro de 70. Você se recorda da presença do Médici no estádio?

H.S. - Acho que eu lembro do Médici, lembro da presença dele, sim. O Morumbi naquele dia estava lotado, lotou o Morumbi, e realmente foi um dia de uma festa inesquecível, aquele dia... As duas inaugurações estão na minha cabeça até hoje, contra o Sporting e contra o Porto.

B.H. - E a recepção do público ao presidente como foi naquele momento?

H.S. - Não foi boa, não. Eu me lembro como se fosse hoje, ainda era a época da ditadura, então foi meio embargado, quando tocaram o hino nacional, aquela coisa toda, está gravado isso aí, o público vaiou, na época vaiou, e no qual eu também vaiei, eu fui no embalo. [risos] Não era hino do São Paulo, então, vaiei também, mas me lembro sim. E também me lembro do Figueiredo quando também fiz uma homenagem para o Figueiredo, ele também foi presidente da República.

B.H. - Teve algum jogo no Morumbi com a presença dele?

H.S. - Com a presença dele. E eu fiz uma faixa de 40 metros saudando ele, parabenizando. Porque ele era chefe da Casa Militar com o Laudo Natel, ele sentava junto com o Laudo Natel em vários jogos. A torcida adversária falava que nós ganhávamos porque ele sentava lá o presidente da República e o Laudo Natel, que não tinha nada a ver. Ele ainda era chefe da Casa Militar, e eu homenageei ele, e depois ele até mandou um agradecimento para mim.

B.H. - E a sua relação com o Laudo Natel?

H.S. - Eterna, até hoje. Eu vou ver ele ali na rua Nestor Pestana, onde ele tem um escritório ali, que o Ivan e o Maurício, o filho dele que toma conta. O Laudo Natel para mim é abaixo de Deus do São Paulo é ele. A esse homem nós devemos tudo, todo são paulino tem que agradecer muito o Laudo Natel, esse homem junto com o Amador Aguiar, que

são fundadores do banco Bradesco. O Amador Aguiar estava sempre no São Paulo, o homem que financiava tudo ao São Paulo, e o Laudo Natel comandava.

B.H. - Falando de dirigentes, voltando um pouco no tempo, esse estádio Pacaembu, se chama oficialmente Paulo Machado de Carvalho, o senhor teve algum contato, conheceu?

H.S. - O Paulo Machado de Carvalho, até eu falei para você, que eu tive a honra de participar, para mim é uma honra, poucos tiveram esse privilégio, que fizeram o busto do Paulo Machado de Carvalho, aí desse lado esquerdo aí, bem naquele canto lá, e eu junto com o Paulo Machado de Carvalho fui desfraldar, ele pediu “você também, faz parte”, aquele jeitinho dele, e tiramos lá, tinha o busto. E aí eu vim saber que o busto do Paulo Machado de Carvalho está escondido aí pelos fundos do Pacaembu, é lamentável, não é, tinha um nome, tinha o busto ali e tiraram. Eu até perguntei para o Maurinho, ele que falou, Maurinho foi um conselheiro do São Paulo, a mãe dele também foi, o pai dirigiu o futebol de salão do São Paulo muito tempo, e ele foi diretor, não sei se ainda hoje ele está aí, agora com esse novo prefeito, não sei, e estava lá, você vê, e ninguém fala nada, ninguém disse nada, e tem o nome do homem aí. Eu estou também junto com o Laudo Natel, está nesse vídeo, está o dr. Aidar, outros conselheiros do São Paulo, a direção da *Record*, tudo aí, e tiraram o busto do homem. Então eu participei também desse evento.

B.H. – O senhor mencionou sua relação com seleção brasileira, o senhor assistiu diversas Copas do Mundo, conta um pouco dessa sua relação como torcedor da seleção brasileira presenciando partidas, não apenas do São Paulo, mas também da seleção.

H.S. - Eu sempre fui nessas nove copas do mundo, primeira copa do mundo eu fui com Walter Abrahão, jornalista, no qual eu fui chefe de gabinete dele numa gestão, trabalhei com ele na Câmara; em 74 foi a primeira televisão colorida quando veio a primeira Copa televisionada para o Brasil a cores. E aí fui em 78, no qual foi uma Copa muito difícil para os brasileiros, lá na Argentina, a gente sofreu muito com os argentinos, muito mesmo, foi difícil lá essa Copa, no qual a gente poderia ser campeão. Então viajei tudo de carro, o Brasil foi, infelizmente, o Peru se vendeu legal. Sem sobra de dúvida que se vendeu. E nessa Copa foi ruim, porque nós brasileiros, não tinha tanto brasileiro na época que viajava em Copa do Mundo, então foi uma Copa que foi uma decepção porque a gente foi campeão moral, que não é nada, não representa nada. Aí eu continuei indo. Em 82 fui para Espanha, em 86 para o México, em 90 na Itália, em 94 nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos quem me contratou para ir lá foi o Pelé, o Pelé mandou uma carta para mim me convidando, fui trabalhar para ele. Ele era operador da Copa. Eu rodei dez estados nos Estados Unidos junto com o Pelé, ele fazendo propaganda, aquelas coisas

todas, eu fui trabalhando para ele. Não sei se vocês se lembram, um sócio dele fez aquela luva, o V da vitória, verde-amarela, tem umas fotos aí, e aí ele me contratou para fazer esse trabalho nos estádios. Me televisionava onde eu estava com a torcida, então trabalhou o Amauri Júnior, fazendo parte, o Otávio Mesquita, o Ceará e o Osmar Santos. Então eles falavam de mim, eu ia na torcida, eu fiz esse trabalho para o Pelé durante 30 dias, para vender o produto aqui no Brasil.

B.H. - Em 86 o senhor menciona também um jogo em Guadalajara?

H.S. - É, lá foi uma das melhores Copas que eu vi. A melhor de todas foi na Espanha, os próprios espanhóis, o mundo achava que nós éramos a alegria do mundo. Foi realmente uma seleção fantástica. A única coisa que eu falava sempre para o Telê, ele falava para mim... eu fui um grande amigo do Telê, e eu achava que ele tinha que por o Edinho e não o Luizinho, o Luizinho não saía uma gilete do chão, e eu sempre brincava com ele isso aí, e o Paolo Rossi fez aqueles três gols. E coincidentemente numa quarta-feira, eu vou num barbeiro cortar lá, em Sevilha, e quem estava cortando o cabelo lá, o Paolo Rossi, eu nem sabia... [risos] se soubesse tinha arrancado a perna dele lá [risos]... não foi em Sevilha, foi em Barcelona. Três dias antes eu cortei o cabelo junto com o Paolo Rossi conheci ele ali, depois nunca mais vi. Em 86, no México, eu tomando conta da torcida, aquela coisa toda, só farra, Copa do Mundo é 30 dias que você é jornalista, é tudo, ninguém dorme, é uma bagunça, Copa do Mundo não tem jeito, você tem que participar, então é gente que bate de manhã. E lá no México o João Nogueira levou um conjunto lá no nosso hotel, tinha lá o pessoal do samba, as mulatas, então ninguém dormia, ia dormir três, quatro horas da manhã, sete horas nego batendo na porta, uma loucura, Copa do Mundo é uma loucura. E aí eu fiquei doente, fiquei doente em Guadalajara, no Brasil e Escócia eu fiquei doente, começou a me doer o coração, aí eu caí lá, quando vi, acordei no hospital, aí fiquei três dias hospitalizado. Aí o Marin, que hoje é o presidente da CBF, que os médicos, ele falou para mim, não deixaram eu assistir Brasil e França, eu não assisti não, aquele dia que nós perdemos, eu assisti pela televisão, eu já tinha saído do hospital, porque o Marin falou você vai no hotel, já está tudo certo lá, você pode ir lá com o seu pessoal e vai ver no telão. Eu fui ver no telão, vi Brasil e França, e o Marin foi muito gentil comigo, levou a seleção brasileira no meu leito, a *Globo* levou também, me homenageou, eu lá doente, pagou a minha despesa, a CBF que pagou, a gente tem que falar porque é agradecimento. E eu tinha dinheiro para pagar, mas a CBF quis pagar, que era os três que comandavam, o Nabi era o presidente, ele e o Farah, eram os que comandavam. E aí depois era para voltar com a seleção, perdemos a Copa, eu estava no

aeroporto aí era para eu vir junto com a seleção, até a mulher do Zico falou, vamos embora, vamos juntos, você não está bem, foram três esposas, a do Sócrates, na época, a do Zico e a do Edinho, foram as três mulheres que foram na Copa, e eu fiquei conversando com ela no aeroporto. E era muito triste porque o sonho dela era que o Zico fosse campeão do mundo e eu também, pô, se tornar amigo dele, a gente é amigo, pô, a gente queria, ele merecia, um craque, não foi campeão do mundo, brincadeira, não é? Não deu certo, mas foi uma das seleções... As duas melhores seleções, a melhor de todas que eu assisti foi essas duas, a de 70 eu não estava presente, mas mesmo assim, a 70 para a de 82 eu ainda sou a de 82, com todo respeito aos tricampeões do mundo, mas eu acho que a de 82 foi uma pena o Telê não ser campeão do mundo.

B.H. - E nessas copas o senhor ia com a camisa da Tusp ou a camisa da seleção brasileira?

H.S. - Eu colocava mais a camisa do São Paulo como está nas fotos aí. [risos] São Paulo para mim em primeiro lugar, com todo respeito à seleção. Sempre fiz questão de mostrar. Até no hotel que estava o presidente do São Paulo, em Sevilha, que é um hotel que está na enciclopédia da Barsa, e lá numa mesa redonda que eu participei, o Peron de Castro me colocou para representar a torcida, falar de torcida, como estava se organizando, então o presidente do São Paulo, o presidente do Santos e o Vicente Matheus, então, eu, nas copas do mundo levava excesso de peso porque eu tinha que dar para outros torcedores, eu pedia brindes demais, eu levava de tudo, levava sacolas e sacolas, então onde eu chegava, nos hotéis onde eu estava, era do São Paulo, se vocês olharem as fotos, vocês vão ver, até os cavalos estão com São Paulo, umas carruagens bonita, eu enfeitava de São Paulo. Então o Matheus... no hotel dele, eu enchia de São Paulo, na entrada, na saída; então o Peron lá perguntando, aqui da copa sobre vender jogador, o Pelé participou dessa reunião, e aí perguntaram para ele “e o senhor quem vai contratar, presidente?”, “olha, eu queria comprar o passe do Hélio Silva, esse cara, não tem onde eu olho que não tem coisa do São Paulo, não tem Corinthians, não tem nada. Eu nunca mais esqueci isso aí, eu era muito amigo dele, fui em dois aniversários na casa dele, da dona Marlene. E lá em Sevilha ele não podia sair, não é que ele não podia sair, estava cansado, velhinho, falava, Hélio, a Marlene quer ir em tal lugar, você vai com ela, você acompanha? Eu fui em vários lugares coma Marlene, ela gostava de jogar, eu levava ela, tenho prazer de falar. Para mim foi um dos maiores presidentes de clube desse país, sem sombra de dúvida.

J.F. - O Vicente Matheus?

H.S. - É. Ele não era tão letrado, vamos dizer assim, mas ele sabia conduzir o clube. E o Corinthians, na minha opinião, eu tenho que falar aqui do São Paulo, mas para mim foi um grande presidente, um grande homem, um coração maravilhoso.

B.H. - Inclusive ao longo dos anos 70 o drama da fila, acabou em 77 conquistando o campeonato. Ficou essa agonia, mexeu até com todos os paulistas num determinado momento.

H.S. - Na época, em 74, eu fui nesse jogo, e a minha mulher, corintiana, ela fazia parte dos Gaviões, então era São Paulo e Corinthians, vieram me entrevistar, ela ia do lado de lá, ela ia do lado de cá, quantas vezes na porta fiz isso. E aí nesse dia, em 74, ela levou meu sobrinho que está até numa foto aí, que hoje já não está mais aqui, foi assassinado, infelizmente, eu não gosto de falar. E aí nós fomos nesse jogo, lotado, Corinthians e Palmeiras, uma tarde chuvosa. E eu acho que todo torcedor queria que o Corinthians fosse campeão, estava até torcendo para o Corinthians porque era muito sofrimento deles, e a minha mulher sendo corintiana, fomos lá, lotado, lotado. O Palmeiras tinha entrado onde hoje é cabine de tv, se tinha dois mil torcedores era muito. E nesse jogo o Corinthians jogou muito recuado, no qual o Rivelino foi a última partida dele, ele perdeu de 1x0 naquele gol do Ronaldo. Eu nunca vi na minha vida, e jamais vou esquecer, que nunca vi na minha vida tanta gente chorando igual naquele dia. Mas era assim, chorar copiosamente, eles se abraçaram assim, nunca vi igual, uma coisa impressionante e emocionante, aquilo eu me emocionei de ver esses corintianos chorando, já fazia 21 anos que não ganhava. E aí minha mulher com a bandeira do Corinthians pôs assim no meu sobrinho, aí a *Veja* veio entrevistar eu e ela, aí ela saiu com ele assim, chorando com a bandeira, na capa da *Veja*, ela saiu na capa da *Veja* contando toda essa história.

B.H. - Ela era dos Gaviões?

H.S. - É, foi dos Gaviões, minha mulher pertenceu, a torcida dela. Foi lá e os Gaviões... “pô, a mulher do Hélio Silva é corintiana!” Então eles faziam aquela onda em cima de mim, e eu não ligava, para mostrar que é uma democracia, era um bom exemplo que a gente dava. Não tem nada a ver, minha mulher corintiana, vou bater em corintiano, corintiano vai bater em são paulino... Todas essas coisas a gente fazia. Eu fiz dois campeonatos de torcida junto com meus amigos, fizemos dois campeonatos de torcidas, no qual nós não quisemos uma polícia, torcida dos dois lados, árbitro eu que convoquei eles, que nós xingamos a mãe deles toda hora, pedi para eles e eles vieram apitar. E o encerramento foi no Ibirapuera, aquele campo que hoje já não tem mais, isso a *TV Gazeta* televisionou e não teve uma briga, isso tudo era exemplo que a gente não precisava de

polícia, foi em outras épocas. Então tudo isso a gente fez. Todo ano a gente fazia campanha do agasalho, para quem doasse mais sangue, nas torcidas a gente fazia esse trabalho.

B.H. - Esse campeonato de torcidas o senhor lembra que ano foi?

H.S. - Acho que foi em 76, se não me engano, 75 ou 76, foi dois anos seguidos.

B.H. - Você organizou junto com o líder das outras?

H.S. – Todas as torcidas, todas, é. Eu dei a ideia e aí nos unimos todos e fizemos esse campeonato de torcida.

B.H. - O senhor lembra quem eram os líderes da época do Santos, Palmeiras e Corinthians?

H.S. - Eu lembro do Vila Maria que era da Camisa 12, lembro do Flavio La Selva que era presidente dos Gaviões, da Portuguesa era o Carlão, do Palmeiras era o Robertinho, do Santos era o Cosmo e eu pela Tusp. Então a gente se reunia toda semana num bar, num lugar tomar uma cerveja, e as brigas saiam, a gente... E eu no Morumbi, o São Paulo não queria, mas eu... quase que eu obriguei o São Paulo, eu achava que não só nós podíamos soltar fogos, então eu achava que o Corinthians também tinha que soltar, então a gente dividia; “aqui no estádio é eu, pá, pá...”, “ não, não é o São Paulo que manda, esse jogo pertence a federação...”, então eles achavam ruim. Eu fui numa época de eu brigar lá no São Paulo, para que o São Paulo desse... no Maracanã cada um tem uma sala para por os materiais, os instrumentos, o São Paulo não aceitou, mas até isso eu quis fazer para as torcidas, para cada um chegar lá, não precisava estar carregando aquela coisa toda. E você também lembrou uma coisa que já passou, em 79 tem uma história muito bonita de torcida, que essa eu faço questão de contar, é tanta coisa que a gente esquece alguma coisa. Em 79, na época da ditadura, o Wilson Domide, que era o dono da loja da China, e a Elisa trabalhava lá, ele empregou a Elisa lá, torcedora.

B.H. - Torcedora do Corinthians.

H.S. - E ele me chamou e falou, Hélio, você tem uma liderança, será que você consegue unir todas as torcidas? Eu quero primeiro levar você lá no quartel. Aí me levou no Ibirapuera, eu falei com um comandante, chamava-se Dale Coutinho, era comandante do II Exército, e me levou lá, almocei com ele, ele falou, olha, a situação do Brasil... contou do jeito deles político que eu não sei me pronunciar igual a eles, e está uma situação assim, assim, e eu gostaria, o Wilson estava me falando de você, que você tem uma liderança, será que você é capaz de reunir a torcida do São Paulo, do Corinthians, do Palmeiras e do Santos, da Portuguesa para encerrar o desfile de 7 de setembro? Aí eu

falei, posso falar com eles, são todos os meus amigos, o Wilson Domide pediu para mim. A primeira pessoa que ele pediu foi para mim. Aí eu fui com muita conversa, convoquei todos para vir, todos, aí marcamos um almoço lá no quartel, fomos lá todos os presidentes, almoçamos, vice, cada um levou sua diretoria, almoçamos lá, e ficou combinado assim, de nós levarmos pelo menos uns cem elementos com as baterias para desfilar, misturado bandeira, instrumento, tudo junto, para dizer que o povo... fez uma faixa, o povo está com o exército, aquela coisa toda. E aí no dia de ir, sete horas da manhã tinha que estar lá na praça lá, onde tem o avião lá, Santos Dumont, saia o desfile de lá, para tirar essa turma sete horas, eu correndo para cá. Aí até umas oito horas chegou. Ia encerrar lá pelo meio dia, onze horas, mas tinha que chegar essa hora, compromisso. Aí não chegou a Portuguesa, eu fiquei louco, a Portuguesa não vem. Os Gaviões tinham uma perua velha, bem velha, vamos na Portuguesa? Vamos. Mas como vai fazer lá? Não sei, vamos dar um jeito, vamos lá. O porteiro lá era um português chamado Barrigana que lutava comigo na época, velhinho já, aí pedi a ele.

B.H. - Vamos fazer só uma pausa.

[FIM DO ARQUIVO I]

H.S. - Gosto de relatar por que... hoje a gente vê essas torcidas que infelizmente não é o que a gente fez, eu, meus companheiros, hoje eles estão nessa violência de tal jeito, de uma forma que está incontrolável. Você vê, eu já venho falando isso há tempo, vê se é possível o estado que está tão necessitado de polícia na rua, em todo lugar, hoje, vou falar hoje, vai no mínimo uns cinco, seis carros da polícia, vai no mínimo 50 homens de caminhão, outros seguindo, para esperar acabar o jogo, aí espera a torcida local ir embora, mas meia hora, 40 minutos, uma hora como fiquei a última vez em Santos, esperando todo mundo ir embora, fica uma hora lá parado, deixa a gente de castigo, para depois sair e escotar. Você veja que desperdício de dinheiro, de verba, para levar torcedor, quando a sociedade que está precisando de tanta polícia, é tão pouco, para torcedor, que ainda vai brigar, vão matar, que a realidade é essa, se tiver junto matam, se encontram no meio do caminho ônibus com ônibus, já viu. O que acontece? Aconteceu a última vez aí, Palmeiras e Santos, morreu até gente. Então eu acho que tudo isso aí o Ministério Público tem que dar um basta nisso, não sei de que forma. Também na época eu fui contra, eu fui o primeiro, a Tusp foi a primeira a desfilar em bloco, na Tiradentes, eu fiz um bloco. Depois que veio os Gaviões, vieram outras torcidas, mas o primeiro fui eu. Até foi muito bonito

porque na época, eu e o Pêrsio pegamos a parte social do São Paulo, então fizemos os meninos do basquete, do futebol e salão, sair junto com a gente no tema, e quem fez o tema na época, não me lembro a música, mas foi Geraldo Filme, que Deus o tenha, que fazia para o Gaviões, o carnavalesco, bom compositor. Fez dois anos seguidos para nós, um bom corintiano que fez música para o São Paulo. E na época eu até levei uma coisa inédita que eu nunca mais vi, mesmo toda essa revolução que vem do Rio, eu levei as musas do patins de São Paulo, então na Tiradentes elas desfilando de patins, foi uma coisa tão bonita, diferente. A gente ganhou ponto nisso.

B.H. - O senhor lembra o ano desse bloco?

H.S. - Isso foi em 75. A Tusp desfilou, foi o primeiro bloco de torcida.

B.H. - O senhor já gostava de carnaval?

H.S. - Sempre gostei. Eu era do Nenê da Vila Matilde, depois a gente ficou muito amigo do Rosas de Ouro, hoje a gente se identifica muito com Rosas de Ouro, por causa do diretor aquele negócio, e o Basílio era muito meu amigo, corintiano, mas o Basílio, o irmão dele, o Eduardo, o Basílio, até quando eles foram para o Japão, a escola de samba deles fui eu que cuidei dos passaportes, da troca de moeda, eu fiz parte disso aí com o Basílio, a gente era muito amigo.

B.H. - Então o senhor já gostava de carnaval e trouxe essa ideia para o bloco da Tusp?

H.S. - Carnaval sempre fui um amante de carnaval.

B.H. - Aí esse bloco desfilou em 75?

H.S. - E 76, dois anos. Depois veio para a São João, depois da São João é que foi para o Anhembi.

B.H. - E o senhor continuou?

H.S. - Não, aí parei. Em 79 veio os Gaviões, aí os Gaviões foram em frente e foram bem sucedidos.

B.H. - Vamos concluir aquela sua história?

H.S. - Então a portuguesa não compareceu, aí pegamos essa perua velha dos Gaviões e fomos até o campo da Portuguesa. Cheguei lá, está o Barrigana lá de porteiro, eu sabia onde era a sede da Portuguesa, era debaixo das piscinas. Ele “mas como você vai entrar?”, “eu tenho a chave, o Lambão me deu a chave”. Mentira. Fui lá com um pé de cabra, arbentei o cadeado, [risos] entrei lá dentro peguei cinco bandeiras e cinco mastros, e enfiei na Kombi e agradei, nem viu nós pegarmos, arrobei lá. O Lambão e o Carlão era meu amigo, que era presidente, e levei. Olha a dificuldade. Aí fomos lá. Enfia bandeira, enfia bandeira e chegamos. E agora? Como vamos arrumar camisa da Portuguesa?

Telefonamos para Domide, ele estava chegando lá, “estou chegando aí já”, “então não vem para cá, vai lá para Loja China e me traz cinco camisas que não tem camisa para por nos caras aqui”. Aí vai e traz as camisas. Aí ao trazer as camisas, e agora quem quer por camisa da Lusa? [risos] Eu briguei com a torcida do São Paulo, que eu fiz eles tirarem a camisa do São Paulo e por a camisa da portuguesa. Cinco são paulinos desfilou com a camisa da portuguesa. E lá apareceu a Portuguesa. Depois do desfile, que eu fui entregar tudo lá, aí o Teixeira Duarte soube da história, até veio me agradecer, o qual eu era um grande amigo do Teixeira Duarte. Eu era muito amigo, porque até uma ocasião a Portuguesa estava de briga, virava a faixa ao contrário, aí eles falaram que não estavam pondo faixa, eu disse, então domingo nós vamos fazer um amistoso, a torcida do São Paulo contra a torcida da Lusa. Aí eu fiz uma preliminar, pedi para o presidente fazer essa preliminar, ele “mas esses caras estão me xingando...”, “ó presidente, estou fazendo isso para ficar numa boa, vocês voltam a ter amizade, não adianta, torcida é assim mesmo”. Aí ele deixou, nós fizemos jogo com a Portuguesa, aí eu mesmo peguei a faixa da Portuguesa, eu mesmo fui lá e coloquei a faixa, falei, quero ver vocês tirarem. Tudo isso eu fiz, estão aí vivo para falar... então sempre fui esse esportista, que eu tenho a honra de falar essas coisas porque realmente eu fiz isso aí.

B.H. - Nessa época a Portuguesa já tinha aquela torcida Leões da Fabulosa?

H.S. - É, do Leões mesmo, foi essa faixa que eu coloquei. Que o Lambão e o Carlão era presidente, o Carlão saiu, entrou o Lambão, era o apelido dele, briguento pra caramba. Aí eles me agradeceram, tudo. Os portugueses apareceram e ninguém sabia, porque via os torcedores na televisão, mas não sabia quem era! Aí não sabiam que era arte do Hélio Silva. Então essas coisas assim que eu tenho prazer de contar porque é coisa do bem, coisa que hoje... Eu fico tão triste quando vejo as torcidas se pegando, como agora domingo no Metrô, a torcida do São Paulo que vinha para o jogo, eles tinham vindo de uma votação do Corinthians, viram os caras... quebraram o vidro, quebraram tudo para entrar lá dentro. Pô, onde chega o fanatismo! Eu vi coisas em torcida, recente, de gente jogar bomba caseira dentro de um ônibus, sem saber em quem vai acertar, quem vai atingir, porque está com a camisa do adversário. São coisas que não sei que jeito pode parar isso, está muito... eu não sei, mas vai ter que dar um basta, está muito ruim, as torcidas uniformizadas que foram criadas por tanta gente boa do passado, que hoje entrou gente que... eu não gosto de falar muito, sabe, desse outro lado, mas entrou gente da pesada, todas as torcidas e escolas de samba, essa é a realidade.

B.H. - E o senhor acha que mudou como? Quando passou a ficar mais violento do que pacífico, vamos dizer assim?

H.S. - Acho que até 90 foi bem, até 91, 92, exagerando um pouco, até 94, depois a coisa começou a ficar muito pesada. Apesar que hoje eu tenho um filho de 14 anos, eu não tenho coragem... eu vou na torcida, lógico, mas a maioria das vezes eu vou na tribuna, eu ganho os convites dos conselheiros, fico lá com o presidente, os diretores.

B.H. - E a frente da Tusp o senhor ficou até quando?

H.S. - Até 93, depois veio outros e outros, mas não consegui ter a mesma linha de conduta e foi parando, e eu também cuidando de filhos, neto, tal, chega uma hora que... Eu sei que durante todo esse tempo, eu dei minha vida pelo São Paulo, tenho certeza disso, porque eu larguei de tantos aniversários de filhas minhas. Eu tive um jogo, e o São Paulo perdeu nesse dia, eu adiei praticamente o nascimento da minha filha do meio, ela nasceu naquele hospital que tem ali na Paulista, Pro Matre, a minha filha Carina nasceu ali, ela nasceu no sábado, jogava São Paulo e Corinthians, aí eu falei para o médico se não daria para adiar, [risos] “pô, doutor, São Paulo e Corinthians, vou dedicar essa vitória”, falei, aí consegui, “vou dar um jeito para nascer no domingo de manhã”. Aí fui para o jogo, aí o Sócrates e o Biro Biro fazem 2x1 no São Paulo. Nem isso eu tive sorte nesse dia deles ganhar para dar essa vitória para minha filha. Mas até isso eu fiz, adiei o dia do nascimento da minha filha.

B.H. - O senhor teve quantos filhos?

H.S. - Tenho três moças com a primeira esposa e um menino de 14, uma rapa e uma de 18 com a segunda.

B.H. - Todos são paulinos?

H.S. - Todos abençoados, tudo teve berço. Todos eles são paulinos, graças a Deus.

B.H. - E agora netos também?

H.S. - Neto, nossa, o pequenininho fanático, o pequenininho eu levo ele lá, ele entra no campo, é a minha alegria. A gente fazer isso para a gente deixar história. Com esse meu filho de 14 anos, eu me emocionei porque eu nunca... é tanta história, essa do Muricy ele que contou para meu filho. Se ele jogava bola, ele perguntou. Ele falou, “olha, não joga igual a você não”, aí contou para meu filho, “quando eu tinha 13 anos teu pai me carregou no ombro”. Aí meu filho não entendeu bem, faz uns dois anos isso, aí ele veio para mim “mas pai, mas ele tá pesado, você levou ele...”, “você não entendeu rapaz? Ele tinha 13 anos, era do teu tamanho”. Mas é gostoso, não é, o Muricy falar isso para ele, é um orgulho, porque o Muricy começou bem moleque, jogou no tempo do Pedro Rocha,

Serginho, Zé Sergio, tinha um grande time o São Paulo, o Dario Pereira, o time era Valdir Peres, Getúlio, Oscar, Dario Pereira e Marinho Chagas, tudo de seleção. No meio de campo era o Almir, na ponta era o Paulo Cesar, Renato, Serginho, Mario Sergio e Zé Sergio, era uma seleção, e não fomos campeões. Nós demos um bi para o Corinthians e perdemos um tri.

J.F. - Hélio, na final contra o Atlético Mineiro, no Mineirão, você foi e teve algum problema de hostilidade?

H.S. - Teve. Teve um antes e um no dia. No dia eles não queriam mandar ingresso nenhum para mim, para o São Paulo, eu briguei, briguei, até falei com o Kalil que era meu amigo, o pai do Kalil, até quando ele vinha aqui eu sujo de talco, de tudo, ele me levou no Novo Hotel, eu jantei com ele, os jogadores, perderam e assim mesmo eu jantei com eles. Aí o jogo da final era lá, eu jantei aqui com os jogadores, aí fui na final, aí a federação não queria mandar, o Kalil mandou cinco mil ingressos para o São Paulo. Se não vendesse, para devolver antes e tal. Aí vendi para a torcida, levei 56 ônibus, o Jucatur me arrumou 56 ônibus, que o Jarbas que era o conselheiro do São Paulo me ajudou a organizar, levei 56 ônibus. Já chegando lá eu já fui preso, brigando na porta, teve um cara que ficou despido, um cara de cor lá e fui para cima e a torcida do Atlético, aquela loucura. Para entrar, o Atlético era tido como campeão, onde passava ia ser campeão invicto, e lá fizeram um galo do tamanho de um mostro lá, e era campeão invicto, invicto, campeão invicto, e nós acreditando, que o São Paulo era bem inferior. Até teve uma guerra de... O Reinaldo ia jogar, o Serginho ia jogar, levaram o Serginho, ele vestiu a roupa e não entrou em campo, aquela coisa toda para dar sensação. E eu levei 1200 quilos de talco nesse dia para nós fazermos a festa, e aí fogos não podia entrar, nós não podíamos entrar com fogos e eles levaram fogos. Aí eu fui preso logo de cara brigando com esse cara, os caras me detiveram, mas estava chegando um ônibus do São Paulo. Aí o dr. Aidar viu eu sendo detido pelos policia, conversou com os caras e me tiraram, tirou na hora. E aí tem uma frase... desceu dr. Aidar, o primeiro que desceu foi o Chicão, que Deus o tenha o Chicão, aquele jeitão caipira dele, ele me abraçou, e eu nervoso, chorando, doido, que nem louco, e vendo aquela festa dos caras, meu, estava desesperado, aí ele desceu e falou uma frase que eu já repeti várias vezes quando me entrevistam, ele falou com todo aquele jeitão caipira com todo respeito, “Silva”, ele me chamava de Silva por causa da luta, “Silva, hoje nós morre em campo, mas esses filhos da puta não vai ser campeão”. E eu falei essa frase várias vezes em jornal e televisão. Não o filho da puta, falei... [risos] e olha, esse dia ele foi um monstro, só que caiu no pênalti, quando foi bater o pênalti escorregou. Aí

o Getúlio, falei, porque o Getúlio não bateu? Não, porque eu conheço o João Leite, eu vim de lá, eu sei onde ele cai, onde ele não cai, mas o Getúlio chuta também. Primeiro o Atlético faz 1x0, aí faz o Getúlio chuta um na mão do João Leite, o João Leite pega, aí os outros três o São Paulo chutou e fez, que foi o Bezerra, o Viana, o Peres que fez os gols, jogador que não era titular, tudo reserva, fizeram os gols e os outros três eles chutaram fora: um fora, um o goleiro pegou e o outro bateu na trave, os três gols. Eles perderam três e nós fizemos dois. Foi emocionante esse dia. Aí para entrar no vestiário que eles não deixavam, foi uma briga. Aí eu invadi, entrei com os policiais para invadir, eles foram correndo atrás de mim, mas eu entrei. Aí o primeiro que eu bati foi o presidente, caiu na banheira eu, ele e o Mirandinha, banheira de água. Rapaz, ficou todo mundo molhado, mas eu nunca vi um time... Para mim, de todos esses títulos que eu participei do São Paulo foi para mim o mais emocionante porque eu vi todo mundo chorando, mas chorando copiosamente. Aquele título para mim ficou marcado na minha vida, eternamente. Eu vi todos os títulos, primeiro Brasileiro, da forma que foi, o Atlético o time que tinha, era uma seleção o time do Atlético.

B.H. - Se vocês tiveram dificuldade para entrar, imagino que para sair...

H.S. - Nossa, nossa... imagina você, eu mandei todos os ônibus, cortina fechada, falei com o policiamento, a gente só vai sair... ficamos lá três horas para sair, escoltado, e graças a Deus, falar para vocês, só quebraram um parabrisa da frente de um ônibus, mas eu não deixei ninguém, para ficar em silêncio total. Saí de lá de um jeito... na estrada foi aquela festa, mas graças a Deus aquele dia nenhum acidente. Agora, na outra torcida que foi, um japonês veio com dr. Aidar, trouxe no avião, vazaram a vista dele, um japonês, foi medicado, mas veio no avião com o São Paulo.

B.H. - Qual era a torcida?

H.S. - Os Dragões da Real, que nasceu da minha torcida, o japonês era da minha torcida, quis fundar a torcida, eu ajudei.

B.H. - Até os anos 70 a Tusp era a única torcida organizada do São Paulo ou já havia outras?

H.S. - É, não havia outras. Em 72 a Independente tinha alguns elementos, comportamento que eu não concordava, e aí eles saíram fora e fundaram a Independente.

B.H. - Em 1972. Foi uma dissidência da Tusp?

H.S. - É. Sem dúvida.

B.H. - Que deu origem a Independente.

H.S. - Essa é a verdade. Às vezes tem umas histórias que eu vejo no site, foi numa briga do Paraguai que teve desentendimento, não é verdade, que isso foi bem antes, a verdade foi essa. Tinha coisas que eu não concordava com eles, por exemplo, a gente ia jogar em Campinas, aí a bateria que ficava jantando, eu queria vir embora porque eu tinha compromisso com os pais para entregar os filhos, e que no outro dia, na segunda, nós tínhamos que trabalhar. Eles queriam ficar lá jantando, então foi uma das coisas que eu não concordava e brigas, e uma porção de coisas que aí eles saíram e fundaram a Independente.

B.H. - Mas a relação com a Tusp ao longo do tempo foi...

H.S. - Foi áspera, foi bem áspera. Eu tive que brigar muitas vezes com eles.

B.H. - A Tusp era maior que a Independente?

H.S. - Era bem, sem dúvida, eles não tinham nada. Por exemplo, para o Mineirão, em 77, eu levei 57, eles levaram quatro ônibus, e os quatro vieram arrebitados e dois ficaram lá.

B.H. - Já era então nessa época uma torcida...

H.S. - Dois ficaram lá quebrados, arrebitados, e dois vieram também quebrados, quatro ônibus, eu levei 56 ônibus.

B.H. - Naquela época, anos 70, a Independente era associada como uma torcida violenta ou não?

H.S. - No começo não, mas o objetivo deles, na época, era mostrar força, brigando para... e infelizmente assim que é a torcida hoje, eu posso falar. Se for uma torcida pacífica poucos sócios vão entrar nela, infelizmente é a realidade. Em todas as torcidas. Se for torcedor que vai... como você vê, sócio torcedor, uma coisa linda, maravilhosa, que eu gostaria que os clubes... você vê, o Palmeiras hoje está dando um show, aqui por São Paulo, Internacional lá, e o São Paulo está aí tentando subir. Eu acho lindo porque eles contribuem com o clube financeiramente, e indo no estádio como um torcedor pacífico que vai lá realmente para torcer, para levar seus filhos, eu acho lindo isso aí. Infelizmente as torcidas uniformizadas estão indo por outro caminho, essa é a realidade, a gente tem que falar a verdade. E eu estou bem a vontade para falar porque eu nunca apregoei briga, desde começo não tem um que vem falar o Hélio fez armadilha, fez isso, nunca fui de esquema, não gosto, nunca gostei de briga. E sempre fui um cara que briguei bem, sabia brigar, mas nunca me aproveitei disso.

B.H. - Para se defender quando necessário?

H.S. - Sem dúvida, não tem um que possa vir falar que eu agredi covardemente alguém ou permiti que alguém fizesse isso. Então hoje eu não concordo com esse tipo de torcida que agredi as pessoas, que afasta o torcedor. Vocês vejam bem, em 70 tinha a música 90 milhões de brasileiros, e quantos vieram no estádio? Cem, 120 mil, quantas vezes nós vimos 90, qualquer clássico. Hoje numa final não vai 50 e tem 200 milhões de habitantes. Então veja, o que é isso? É a violência que afastou. Qual o pai que tem coragem de ir com o filho? Ou quando vai um filho com as torcidas uniformizadas, enquanto não chegar em casa, essa mãe, esse pai não tem sossego enquanto não chega, é a realidade. Às vezes é duro falar isso, eu como torcedor. Mas eu estou bem à vontade para falar porque eu nunca apregoei violência.

J.F. - A Tusp sofria hostilidade e agressão de outras torcidas? Quando isso começa?

H.S. - Sem dúvida, sem dúvida. Eu tive muitos problemas. Como eu te falei, às vezes eles não vinham brigar comigo porque sabiam que para brigar comigo era ruim, isso eles sabiam que era ruim de me encarar, a não ser que viesse covardemente, mas sabia. E depois eu tinha o apoio da imprensa, o Juca Kfoury fez várias vezes, secretários, eu fiz tantas mesas redondas sempre falando nessa mesma linha, então sempre eu era convidado. O Fleury antes de ser governador era secretário de segurança e lá nas torcidas ele dirigiu a palavra para mim “vou falar com o Hélio Silva porque eu conheço tanto pessoalmente como vejo o trabalho dele”, aí falou o que tinha que falar das torcidas, e falou “vou me dirigir ao Hélio Silva, vocês eu conheci agora, mas o trabalho do Hélio Silva...”. Então sempre fui um cara diferenciado nesse sentido. Quem me conhece e viu esses jornalistas sabe disso, todos sabem disso, que eu ia e pedia sempre paz nas torcidas, sempre fui um cara... para que nós fôssemos grandes, mas não de forma violenta, a violência não leva a lugar nenhum, ainda mais num esporte popular que é o esporte que mais cresce é o futebol, as torcidas, mas de uma forma muito trágica.

B.H. - E além da Independente e da TUSP quais foram as torcidas que surgiram nos anos 70 do São Paulo?

H.S. - Bastante, que eu ajudei a criar foi a Juventude da Mooca, foi a Falange, Dragões da Real, lá em Santo André... Eu tinha, não inveja, mas eu achava bonito a torcida do Corinthians ter a torcida da curvinha, a torcida não sei do que, então eles enchiam de faixa, mas realmente era um ou dois torcedores que levavam a sua faixa. E eu pedia para os meus associados, pô, monta uma torcida tua na Penha, outra na Mooca, nesse sentido que eu fazia crescer a nossa torcida para que os adeptos viessem mais. Sempre fui um doente para ver o torcedor, eu ficava feliz quando via o estádio lotado, eu até chorava de

emoção, sabe? Quando a gente via, não dividir, mas estava em grande número, a gente agradecia; eu pedia muito, eu ia pedir muito em jornal “venham, só nós temos casa, só nós... e vocês não vem. Como o São Paulo pode ser grande se vocês não fazem o São Paulo ser grande, vocês não vem no estádio.” Eu cobrava muito o torcedor, mas diretamente, porque graças a Deus sempre tive um espaço na televisão, em jornal, sempre me deram espaço. Juca Kfoury mesmo me deu muito espaço no *Placar*, muitas vezes falei, fazia reuniões, o Juca eu agradeço a ele, grande jornalista, e tantos outros, se eu fosse dar nome. Em televisão, jornal, mesa redonda eles tinham prazer quando eu chegava e ia falar do São Paulo porque eu brigava com eles também no bom sentido, dizia “pô, vocês só falam de Corinthians, Corinthians, pô...”, “ah, mas vocês não tem notícia”, “então tô eu aqui para dar notícia”. [risos] Cansei de fazer isso, cansei de fazer isso, “tô eu aqui para dar notícia”. Então o próprio presidente do São Paulo falava, “Hélio, parabéns e vi você falando...”, e eles davam total abertura falar o que eu queria, e também sempre fui duro com eles, quando eu via as coisas no São Paulo eu também criticava, estava sempre acompanhando e eles sempre me respeitaram, essa é a verdade.

J.F. - Nas finais de 82, 83 com o Corinthians, a torcida do São Paulo marcou presença nas finais, como estava o estádio, estava dividido?

H.S. - Dividido não, dividido não porque era difícil, o Corinthians sempre ganhava. Nesse dia mesmo nós fomos com nove gomos e eles ocuparam a maioria do estádio, vamos dizer assim, 80% era deles, sem sombra de dúvida. Nós tínhamos bem menos. Porque eles chegam primeiro, compram ingresso antes, e o São Paulino sempre foi folgado, eu brigava com eles por causa disso, aí vinham “pô, Hélio estava fechado, uma fila”, aí eu brigava também com o São Paulo para abrir mais guichê, brigava com o São Paulo direto, rapaz, e com cambista então, eu denunciava funcionário da época que vendia para cambista e eu sabia, nossa, eu arrumava briga lá, eles tinham medo de mim porque sabiam que eu denunciava, que eles vendiam para cambista porque ganhavam dinheiro. Eu era um vigilante. Jogador do São Paulo também tinha medo de embora, porque a noite toda eu rodar aí, [risos] quem eu pegava, nego pulava pela janela, estou falando sério. Com o Careca mesmo tive um desentendimento com ele, porque quando nós perdemos o título para o Grêmio, eu me lembro que ele entrou na Lilian Gonçalves, era quase duas horas da manhã e saiu quatro e pouco. Estava ele o Batista, que era da seleção. Aí a *Veja* me deu duas páginas, aí eu falei com [inaudível], ele ficou sem falar comigo todos esses anos, nem na Itália ele falou comigo, ele passava longe, porque eu denunciava qualquer um do São Paulo. Teve uma vez que perguntaram para mim “e o Müller, diz que viram ele por

aí, e o Dario?”. Eu falei, o Müller é o artilheiro, o Dario é o melhor zagueiro, eles podem, eles podem ficar a noite inteira fora, os outros não fazem nada, foi mais ou menos assim. [risos] Eu era muito briguento, eu perseguia os jogadores do São Paulo, eles tinham medo de eu ver eles na noite aí. Uma época que... A Lilian Gonçalves falava “oh, Helinho deixa eles, tal, eles estão se divertindo numa hora que pode”, aí eu “não”, eu vigiava eles, e não tinham medo não, eu falava onde estava, o local e tudo. Eu queria bem o meu São Paulo, não quero saber. Quando o Serginho quis ir embora do São Paulo também briguei com o Serginho, já na Espanha briguei com ele, que ele queria ir para o Corinthians. Já tive discussão com ele lá, depois tive aqui. Ele era padrinho do filho do Zé Sergio, o Zé Sergio por causa daquele negócio do Naldecon ficou suspenso um tempo, se abateu, e não era antidoping aquilo, era um remédio de nariz, mas não podia. Aí na quarta-feira estava ele e o Eder na porta do Morumbi, vai jogar, não vai jogar, perguntaram para ele, “bota fê, vou jogar sim”. Aí na hora de vir para o Pacaembu ele não veio. O que ele fez? No meio do intervalo ele apareceu no Pacaembu. Olha que audácia dele. Aí o Wanderley Nogueira entrevistou ele, aí eu quis ir lá pegar ele de pau, brigamos. Hoje nos damos, é um grande amigo meu, somos amigos, mas porque eu sempre também briguei por ele, fui preso no Rio de Janeiro por causa dele, na sede da CBF, quando ele foi suspenso por 120 dias, que ele chutou o bandeirinha, não sei se vocês sabem disso, aí ele ia para a seleção, e a cariocada queria que fosse o Dinamite, aí eu com meu dinheiro peguei o avião e fui lá, falei com o Miguel Aidar que hoje é o presidente, ele era o advogado do São Paulo, fui lá, sentei lá, fui com a camisa do São Paulo, camisa assim, da Tusp, entrei, fui lá no 7º andar e fiquei lá. Quando eu vi, se não me engano foi 5x2, a cariocada lá. Ah, eu não vou falar os palavrões para vocês, xinguei todo mundo. Xinguei de tudo quanto é nome, cariocada aí isso e aquilo, pá, pá, preso, dr. Miguel, esse que me tirou lá embaixo. E fui com Nossa Senhora Aparecida junto, está no *Placar* tudo isso aí, tem no *Placar* isso aí, aí o Serginho pedindo para que liberasse ele para ir. Pô, depois quer ir embora para o Corinthians, não tem que brigar com ele! Hoje é um grande amigo meu, tenho o maior carinho e respeito porque ele deu tanta alegria para a gente no São Paulo, foi o segundo maior artilheiro do São Paulo. E passou. Hoje está lá no Santos, mas o coração dele eu sei que é são paulino. E são essas histórias que a gente conta e tem tantas outras. Então a minha dedicação ao São Paulo sempre foi assim, demais. Eu vi o São Paulo crescer, eu vi o São Paulo inaugurar, tudo que aconteceu no São Paulo eu estive sempre presente, sempre eu estive presente em todos os movimentos do São Paulo. E também uma coisa que me deixou triste também, foi quando quebraram ali no marco zero de São Paulo na

Praça da Sé, fizeram um símbolo do São Paulo, um escudo do São Paulo bem grande e quebraram. E nesse dia estava o governador que era o Laudo Natel, Raimundo Paes de Almeida, enfim, ilustres são paulinos, tudo lá. E eu inaugurei também, puxei a bandeira do São Paulo, junto com o presidente, e hoje não está mais lá, quebraram porque não cercaram, e eu brigo até hoje, até falo com o Marco Aurélio, porque não faz de novo e põe lá, e ninguém briga mais pelo São Paulo. Eu tenho certeza que se eu estivesse lá como estava antes, tenho certeza que eu já tinha colocado lá, porque eu brigava muito pelas coisas do São Paulo, pelo que era de direito. Não coisa que não podia, mas se nós conquistamos, nós temos que ter, estar lá. No entanto em outros lugares a gente vê os caras fazerem homenagem e fica, a do São Paulo tiraram que era um símbolo do São Paulo no marco zero de São Paulo. Também já desisti.

B.H. - O senhor se tornou sócio do São Paulo?

H.S. - Fui sócio numa época, depois não continuei. Quem me vendeu o título quando era bem novinho, ele tinha 16 anos, foi o Zé Poy, ele jogando ele foi o maior vendedor de título do São Paulo. Ele foi quem mais vendeu título do São Paulo. Depois eu também continuei com o Hélio Sette, o dr. Hélio Sette que fez o carnê paulistano, para acabar de construir o Morumbi, então eu fiz parte disso aí, e viajava para os interiores para montar sede nos interiores para montar torcida, que comprasse os carnês para fazer o Morumbi. Tudo isso aí eu participei independente de ser da torcida, mas eu queria ver o São Paulo acabar o Morumbi.

B.H. - Em algum momento o senhor almejou algum cargo, ocupar uma função dentro do clube?

H.S. - Nunca, nunca. Por isso que eu tinha força, porque todo mundo me entrevistava, você é conselheiro, você é isso? Não, não sou nada, sou só são paulino, bem são paulino. Até uma vez tive uma discussão feia com o Chico Lang, no qual eu fiz são paulino também o filho dele, tanto corintiano que ele era, o filho dele é são paulino, e ele e o... um jornalista famoso faziam uma coluna numa página, esqueci, o Guzman, aí ele pegou e pôs na coluna, não sei o que tinha acontecido no São Paulo que eu meti o pau, não sei o que eu fiz, aí ele colocou que eu era assalariado do São Paulo, quando eu li aquilo eu fui na *Gazeta* quebrar a cara dele lá dentro, para ele provar que eu era assalariado, não chegou a fatos, mas eu fui lá brigar com ele, fui bravo mesmo. Depois fiz ele se retratar, o Gusman fez uma matéria, o dobro, aí me retratou, que eu não recebia nada do São Paulo, ficaria mal, se eu recebo do São Paulo o que eu tenho que estar criticando. Mas hoje o Chico Lang é meu amigo, admiro ele, não tem nada mais.

B.H. - Em 1971, depois que o São Paulo foi campeão brasileiro teve a disputa da Libertadores, o São Paulo participou. O senhor também foi caravana, como foi nesse...?

H.S. - Foi em 73. O São Paulo jogou aqui, ganhou de 2x1, do Independiente, no qual eu fiz homenagem, eu esqueço o nome desse jogador, jogou no São Paulo, e aí nesse ano ele era diretor do Independiente, como eu esqueço esse nome! Então ele jogou muito no São Paulo, foi um grande jogador esse argentino. Quando ele veio com a delegação, ele estava comandando a delegação. Então ele ficou tão feliz... O São Paulo me contou, e me falou e eu fiz essa faixa, demos uma volta olímpica, homenageamos ele no meio de Campo, como eu esqueço o nome dele?! Aí teve o jogo lá, quando foi o jogo lá em Avellaneda, se tiver estas fitas, que eu não sei se tem, tacaram na cabeça do Valdir Peres umas bolinhas de gude que os caras vendiam, uma espécie de estilingue, não era estilingue, enfiava no dedo assim e atirava, um negócio de plástico. E aí atiraram no Valdir Peres lá no gol, aí o dr. Aidar, num agasalhão grande, estava um frio, tiraram ele de cena, foram empurrando, empurrando porque ele quis parar o jogo, aí segurança, tudo, foram arrastando, tiraram ele. Nesse dia eu briguei lá, que eu fui justamente nesse jogo. Eu na numerada lá com eles, e tinha um argentino atrás de mim que me xingava de tudo quanto é nome achando que eu não entendia, e eu entendia tudo que ele falava. E falava, falava, xingava, e quando fez o gol então, me empurraram, e eu era forte, e um frio que fazia. Aí comecei a me aquecer [risos], é um jeito de nós atletas se aquecer, você prende a respiração e começa a se aquecer. Aí, não sei se foi por Deus, porque Deus não gosta de briga, esse cara no intervalo, fala para o cara que está aqui do meu lado, “eh, venha para cá que eu quero pegar esse boludo”, palavão, e aí? Eu falei “mas Deus é bom demais”, esse cara veio sentar do meu lado. Ainda tem a marca, está aí, levei três pontos aqui, esse cara quando começou o jogo, fez 2x1 em cima de nós, e ele veio assim, dei uma cotovelada tão... sabe daquela que a gente briga, é mais forte do que você dar assim, rapaz, é sangue, aí fui dando nele... [risos] eu fui dando, apanhando, apanhei, eu fui cair dentro do campo, cara. Foi, palavra, era baixo o alambrado lá, baixo não, porra, os caras que estavam lá embaixo nem sabiam por que eu estava pulando, rapaz, e eu era atleta, bom pra caramba, pô, rapaz, parou o jogo. E era aniversário da Evita Peron esse dia, era feriado na Argentina. Rapaz, sumiram comigo. Acabou o jogo, eu falei, alguém vai dar falta, vai contar, aí dr. Aidar, que é pai do Miguel que foi me tirar, com o consulado lá foi me tirar lá, os caras lá... só que não me bateram assim não, mas na hora sim, me deram umas pauladas lá. Aí o terceiro jogo era no Chile, pô, não tinha passagem, tinha que [inaudível] aquele avião, eu não sei o que fizeram lá até hoje, não sei como foi, não sei se com

passaporte, passei, sei que me escondi dentro do avião, eu já entrei e fui dentro do banheiro e fiquei lá dentro. Na contagem não sei como foi, só saí do banheiro quando o avião levantou. Aí o Zé Carlos me chuta a bola... o pai errou nisso aí, o pai mandou o Zé Carlos bater. Vinha Chicão, Pedro Rocha, Forlan, foi mandar o Zé Carlos, disse que estava bem no jogo, quando falou, neguinho ficou branco, foi lá e atrasou a bola, o Lelé era bom, perdemos a primeira Libertadores. Eu estava lá. São histórias, tem tantas assim, que eu vou lembrando.

B.H. - Hélio, você mencionou esse dia da bandeira, Semana da Pátria, que vocês organizaram em 79, foi nesse período que surgiu uma associação de torcidas organizadas?

H.S. - Foi, foi aí que fizemos, fizemos uma associação, todos nós... inclusive tinha umas coisas lá que na época a gente fazia as reuniões e a gente falava de todos esses acontecimentos de hoje de briga, de estádio vazios, os diretores, nós falávamos de todas essas coisas aí, do futuro, se o futebol tivesse outro caminho, que ia acontecer isso tudo aí, e realmente foi acontecendo. Nós não queríamos que a televisão entrasse na época, televisionasse, porque ia tirar todo o brilho do futebol do torcedor, tem muitas coisas que se achar... eu preciso ver com quem está, nós temos tudo isso relatado, que ia acontecer, e muitas coisas estão acontecendo mesmo, e de carnaval também está na ata que a gente não queria, hoje está se tornando um perigo, porque daqui a um ano, no mais tardar dois anos está toda as torcidas no primeiro grupo. A Independente passando agora já vai para o especial. O Santos vai para a próxima, se ele ganhar... já pensou, quatro torcidas na avenida, quero ver como eles vão fazer. Não tem nada a ver o futebol com escola de samba, eu acho, tem, samba e futebol, mas para desfile... Onde você vai parar uma briga de quatro mil de um lado e quatro mil do outro? Qual o policiamento que vai conseguir? Eu entendo assim, que na hora que sai uma brigazinha, não adianta que todo mundo briga, todo mundo briga e acaba com a avenida.

B.H. - Essa associação chamava a Atoesp?

H.S. - Isso.

B.H. - Quem eram os cabeças?

H.S. - Eu, o do Santos, Cosmo, o Flávio La Selva, que era o advogado da torcida, que Deus o tenha, um cara maravilhoso, esse eu sinto saudades como amigo, como gente e como torcedor do Corinthians, esse cara era mil, não gostava de coisa errada, de briga, um cara decente. Tinha o Joca que também era o presidente dos Gaviões, um cara maravilhoso, morreu também, quem mais fazia parte? Até o Celsinho Jatene participou nessa daí.

B.H. - Que é o atual secretário municipal do esporte.

H.S. - É, Celsinho também era fundador. O menino também não era da diretoria, mas também era um grande santista, o menino, o Supla, também ia muito. São gente que na época falava a mesma língua, tinha uns que queriam de um jeito outro de outro, mas a gente chegava num denominador comum para que a gente acertasse para o bem do futebol. Era interessante, toda semana se reunia, tomava cerveja, conversava, não importa se o Corinthians ganhasse, se o São Paulo ganhasse, a gente tinha essa linha, e a gente queria entrar na federação, a gente queria entrar em todos os lugares para que eles ouvissem a gente, que o torcedor nunca foi ouvido em lugar nenhum. Eles sempre fazem a hora que quer, o dia que quer, o horário que quer, então não consulta o torcedor, o verdadeiro não consulta, aquele que fica lá até meia-noite num estádio e não tem metrô, não tem ônibus. Agora que eles estão querendo, agora, esse ano, mas sempre foi um sofrimento em estádio, o cara sofre muito. É condução, é gente que rouba carro, é estacionamento, e até hoje está assim e ninguém conserta. Quando eu estava diretor da federação a primeira coisa que eu fiz foi fazer uma reunião lá, chamei a diretoria nossa porque a gente queria cadastrar guardador de carro com um bilhete de três tickets, um para ficar no carro, outro na mão do carro e outro no parabrisa. Pagasse uma quantidade irrisória, uma taxinha mínima, e gente credenciada olhando os antecedentes, ver quem é, polícia para olhar eles para que os malandros não vem bater neles ou roubar, tudo isso eu quis fazer na associação. Eu me lembro até que o comandante na época “olha, você desculpa, você está sonhando, que aqui...” não que ele estava desiludido, mas ele achava difícil, o coronel Resende, meu grande amigo Resende. Um cara extraordinário, sempre deu a maior força para nós torcida, ajudava tudo. Eu fiz ele vir na reunião junto com a gente, eu queria fazer uma associação de gente legalizada nos estádios, que aí podia abranger teatros, enfim, outros. E eu não consegui, não consegui, que seria uma coisa ideal conseguir gente credenciada para olhar, que hoje é um absurdo os caras cobrarem R\$ 30, R\$ 40, R\$ 50 e não olha o carro coisa nenhuma, eles pegam o dinheiro e no mesmo momento, acabou, começou o jogo eles vão embora.

B.H. - Quase uma extorsão.

H.S. - Então. E nunca ninguém... Então era nesse sentido que a Atoesp brigava por tudo isso aí. A gente via esse lado, a gente queria...

B.H. - Ser uma voz para se relacionar com a federação, com a polícia, com os dirigentes, ou seja, uma entidade representativa?

H.S. - Perfeito. Mas a gente nunca foi ouvido, essa é a realidade, passou e passou vários presidentes e a gente tinha a associação. Não sei se eles tinham medo que essa associação podia crescer, não sei, mas talvez, porque era uma força, as torcidas se reunir, então...

B.H. - Era um momento também de redemocratização.

H.S. - É, exatamente.

B.H. - Final da ditadura, início...

H.S. - Exato, até nas Diretas Já até nisso a gente participou, aí a gente teve muita força nisso aí, junto com os clubes, com os times. O Osmar Santos me convidou para que eu fizesse parte disso, na Praça da Sé, a gente fez as torcidas tudo junto, a gente fez uma união. Quer dizer, para a política foi feito, mas para o esporte, naquilo que a gente mais gosta, nos apaixonamos, a gente não conseguiu. A gente sabe o que é bom para o futebol, mas infelizmente as autoridades, às vezes, não se importa muito não.

J.F. - Hélio, um pouco antes, você chegou a se reunir com o Erasmo Dias quando ele era secretário da segurança?

H.S. - Reuni, várias vezes. Inclusive ele era meu amigo.

J.F. - Para discutir problema das torcidas?

H.S. - Era meu amigo. Eu falei, o Erasmo era um cara muito sério, ele gostava das coisas muito direito, as coisas certas, o Erasmo era um cara muito severo, sabe? Eu me reuni muitas vezes com ele, tenho a honra de dizer que eu era muito amigo dele e da filha dele. E o Erasmo me ouvia, mas só que na época, eu não sei politicamente se interessava a eles por causa da ditadura, que a ditadura ainda existia quando ele foi secretário, a coisa ainda era braba, mas assim, de ouvir os torcedores, de convocar a gente para uma reunião para dar solução, vem dar suas ideias, eles nunca convidaram. Nem federação, nem CBF, ninguém, nunca nos ouviu nós os torcedores. A gente ficava muito chateado porque a gente não tinha força. A única força nossa era dentro do estádio, fora disso não tem, a gente nunca teve um político sério que gostasse de fazer um projeto, ouvisse a gente para que a gente melhorasse.

B.H. - Em relação ao valor do preço dos ingressos, a Atoesp se manifestava contra o aumento ou eventualmente uma greve? Teve algum tipo desse...?

H.S. - Uma vez teve, sim. Porque é o seguinte, a federação cada jogo eles colocavam um preço. Quando chegava nas finais eles começavam a aumentar o preço, aí realmente a gente se manifestava. Mas aí do jeito deles que eles faziam, aumentavam e não davam satisfação para a gente. A gente sempre brigou por isso, a gente sempre brigou para que não ficasse fila, para que eles pudessem... Têm lá 30, 40 guichês no São Paulo, mas você

vai olhar, tinha dois, três vendendo ingresso. Horários absurdos que o povo não pode comprar. Tudo isso dificultava para que o torcedor comprasse os ingressos, era difícil. Tudo isso a gente previa para acontecer, era guardador de carro, os caras que vendiam bebida alcoólica na porta do estádio, nós éramos contra tudo isso aí, mas no entanto as regionais, que eram regionais na época, não sei não, não posso falar, mas eles colocavam os vendedores vendendo na cara deles, não só bebida como outras coisas mais, e as regionais permitiam porque eles que tinham que fazer a fiscalização. Porque permitia? Alguma coisa diferente tinha, porque nós não queríamos vender bebida alcoólica na porta de estádio. Tudo isso aí a gente... eu não me lembro bem, mas todas as coisas nós discutíamos, “vender cerveja, deixa...”, “não”, ou para ou senão não tem jeito, porque o cara entra embriagado, ele depois vai dirigir o carro embriagado, a gente via tudo isso aí que hoje estão fazendo a Lei Seca, pô, isso aí, a gente já vem de anos tentando fazer isso, principalmente nos estádios, a gente brigava muito por isso, porque nós tínhamos um pessoal que queria ver a coisa certa. Mas era difícil, como até hoje.

B.H. - O senhor se recorda até que ano a Atoesp existiu?

H.S. - A Atoesp praticamente ela existiu uns cinco, seis anos, se não me falhe a memória.

B.H. - Teve essa participação das Diretas Já em 84 e ainda teve alguma...

H.S. - É, e ainda teve um pouco ainda, porque nas Diretas Já foi onde cresceu muito, uma força, viram que a gente estava com eles para mudar a situação do país, nas Diretas Já, mas só que depois também parou nisso. Eles ganharam, e as torcidas tornaram voltar para o esquecimento. A realidade é uma só, eles nunca ouviram a torcida, eles acham que nós só temos obrigação de ir lá, pagar e torcer e nada mais. Até para reivindicar é meio brabo se passar do limite.

B.G. - E em relação a Tusp com o São Paulo, que tipo de relação que vocês tinham, um monte de gente que ajudava, como era a relação?

H.S. - Eu no São Paulo era muito querido, a torcida eles ficavam orgulhosos da forma do meu procedimento, de seguir ainda a época deles antiga, então eu conversava com eles. Até quando eu inaugurava, fazia qualquer festa, eu sempre convidava eles os fundadores, para mim era o auge, era o máximo para mim convidar os fundadores, o Laudo Natel. E olha, o bom disso aí, você veja, que saudades eu tenho, que quando eu fazia essa festa, eu convidava esses diretores, presidente e eles iam, e para cada jogador eu levava um convite “toma, mas vai, hem”, e eles iam, iam todos os jogadores, não falhava um, porque eles sabiam da minha dedicação e eu brigava por eles o ano todo. “Então tira um dia e vai na minha festa”, e eles iam. Você acredita? Todos. Eu achava bonito esse respeito que eles

tinham comigo. Eles iam na festa, até na festa da minha filha, quando ela fez um ano a minha primeira filha, fiquei tão orgulhoso de ver que foram todos os jogadores, então para mim foi uma alegria, diretor, presidente no aniversário da minha filha. Não sou nada no São Paulo.

B.H. - Que ano era?

H.S. – Em 79. Não, minto, 76, agora que lembro. Nesse ano foi o último salão das crianças que teve no Anhembi, e o São Paulo me incumbiu, eu e o Pêrsio Rainha, nós dois que fizemos o salão. Todas as taças que tem no São Paulo, depois para frente não, mas até aquela presente data ficou tudo na minha casa. Vocês veem a confiança que eles tem em mim, todos os troféus. Eu desmontei o salão e levei tudo para a minha casa. Eu inventei no salão das crianças um torneio, tinha uma quadra lá, o torneio das torcidas, aí jogou o estande do Corinthians contra o São Paulo, fiz um torneio lá, e a Claudete Troiano do São Paulo jogou para mim, a Claudete jogou. Conhece a Claudete, não é? Então, ela jogou. Ela era mocinha, jovem, ela já era jornalista, ela jogou para mim. Aí teve esse torneio, eu inventei esse torneio, e o campeão foi a Portuguesa. Porque eles laçaram, faziam um laço, não colocava jogador, porque o quadro não tinha torcida, pegava gente de fora para jogar, brincou assim, achou ruim, mas tudo bem. Os dois torneios a Portuguesa ganhou, tanto de campo como de salão, também tudo laçado. Mas tudo bem, interessa que foi o movimento que a gente fez. E tudo isso aí, são histórias que a gente... você perguntou da minha relação com o São Paulo, você veja que para eles confiarem todos os troféus, até do Ademar Ferreira da Silva esteve na minha casa, que foi o primeiro campeão olímpico, foi tudo para a minha casa depois eu fui levar para o São Paulo. Ficou tudo na minha casa, nenhum danificado, não teve problema nenhum. Como também na Espanha, essa também foi uma coisa que me deixou muito envaidecido porque o Osmar Santos arrumou um jogo lá na Espanha para jogar jornalistas brasileiros contra estrangeiros, e deixou eu organizando. Mas eu sabia que era convidar os jornalistas brasileiros nossos que estavam lá e eles os espanhóis, só que os espanhóis arrumaram lá um time, só que no ônibus eu fui tomando conta dos dois times. O espanhol me incumbiu lá, que organizava, era o relações públicas da seleção espanhola, no campo do Sevilha, e lá, eu falei “pô, Osmar, como eu vou arrumar...”, “ah, você é amigo do Telê, se vira com ele lá”. Aí fui lá no Telê, pedi as camisas, ele me deu camisa, calção, arrumei 25 de cada, camisa, calção e meia, deu todo o equipamento. Aí o Chimbica, Deus que o tenha, que era o roupeiro, trouxe uma prancheta para assinar, ele falou “o Hélio Silva não precisa assinar, depois ele traz de volta”. Essas coisas eu tenho que contar porque é gostoso ter esse crédito. Convidei o

Telê para ele jogar também, ele disse “não, eu não posso me descuidar.” Aí jogou nesse dia, além de jogar, jogou o Chinesinho, acho que vocês nunca ouviram falar, jogou no Palmeiras, na seleção, foi um grande jogador e jogou o Fagner, fez um gol, e o Zito, do Santos e o Cássio no gol, eu não tinha goleiro. Apanhamos de 5x2. Aí saiu manchete aqui no Brasil “Já começamos a perder”, Brasil perdeu de 5x2, e eu fui o capitão. No campo do Sevilha fizeram uma homenagem tão linda, o prefeito veio, deu o ponta pé inicial, deram ramallete de flores, foi tudo no campo do Sevilha. Então essas histórias são bonitas, gostoso de contar. E também fizemos um desse no México, lá num clube em Guadalajara também fiz, Telê também emprestou. Lá jogou o Jairzinho, jogou o professor Teixeira, jogou o irmão do Müller, um monte de gente lá, fizemos também uma festa, o Telê também me deu toda a roupa, também devolvi, então eu e o Telê a gente foi muito amigo, eu tenho o maior carinho por ele, tenho uma camisa dada por ele, sabe, que eu guardo com o maior carinho. E também ele falou uma frase bonita para mim, não sei o que ele quis dizer no futebol, estava ele a mulher dele, Rosângela, lá em Hollywood, essa foto eu não trouxe, e aí ele falou, vamos tirar uma foto aqui que essa aqui vai marcar, aí falou para a família dele, para a mulher dele, o cunhado “esse aqui é meu verdadeiro amigo, no futebol é um dos mais respeitados por mim é o Hélio Silva”. Aí tiramos uma foto. Não sei o que ele quis dizer com isso, mas essa frase eu guardo até hoje. Então essas coisas que engrandecem o futebol, e eu pertenci a tudo isso aí, e hoje eu fico tão triste de ver que a coisa vai para o outro lado agora, infelizmente. E as torcidas também estão indo, porque estão outras pessoas com outros pensamentos, com outras ideias que não condiz com a realidade que é o futebol, coisa linda, maravilhosa. Eu fico tão feliz quando eu vejo assim, eu assisto muito esses jogos da Europa, você vê aquela torcida lotada, o estádio lotado, coisa linda, coisas fantásticas, e aqui no Brasil você vê tudo vazio, as cadeiras vazias, por quê? Televisão, que a televisão lá vende para o mundo, agora nós paulistas não, então tinha que mudar aqui a forma. A *Globo* manda em tudo, põe a hora que ela quer, os outros não tem competência para competir, então a gente é obrigado a assistir jogo dez horas da noite para acabar meia-noite. É difícil hoje o torcedor que vai trabalhar no outro dia, ir assistir um jogo de semana, é muito difícil. E de domingo põe a hora que eles querem, sete horas de domingo não pode ter jogo às sete horas, é um absurdo, o cara chega dez, onze horas da noite, de domingo quando está com a família. As quatro tudo bem, mas eu não concordo com esse jogo sete e meia, oito horas como eu estou vendo aí. Então está tudo errado, porque eles fazem no sentido do interesse deles financeiramente, mas o torcedor é o último que ele pensa, é o último, pode ter certeza disso. Eu sempre

falei isso para eles, o torcedor que é a razão de tudo, ele é o último a ser consultado. Eles não dão bola, eles olham lá, o último que eles se preocupam é com o torcedor.

B.H. - Hélio, em 1986 o São Paulo foi campeão brasileiro, você se recorda, o que te marcou nessa conquista?

H.S. - O que marcou...

B.H. - Desculpe, vamos fazer uma pausa.

[FIM DO ARQUIVO II]

H.S. - Encheram nós de foguete, estou falando. Adamastor... [risos]

B.H. – Que ano?

H.S. – O ano não lembro. Sabe o que aconteceu? Aí as torcidas foi toda para cima dele, que ele na reunião lá, e a torcida do Palmeiras, que estava em maior número, aí o Adamastor saiu de lá, e até hoje tem uma farmácia lá em frente, entrou dentro da farmácia, aí rapaz, acabaram com a farmácia. Sabe o que eu fiz? Se ele vier outra vez, pergunta isso para ele. Aí eu entrei lá dentro, primeiro dei uma dura nele, falei “pô, que papel é esse...” ele lá dentro, com medo, queria linchar... foi polícia. E ele lá dentro escondido. A farmácia destruíram. Aí eu cheguei na porta, estava o pessoal da TUP, falei o seguinte “eu vou levar o Adamastor em casa, meu carro está lá embaixo, eu vou levar ele, ninguém vai por a mão nele. Deixa que eu vou cuidar dele”. Pois eu saí com o Adamastor, pergunta para ele, saí como Adamastor lá, todo mundo xingando de tudo quanto era nome, fui levar ele lá no Tremembé, ele morava lá no Tremembé, fui levar ele lá. Eu sozinho, ninguém pôs a mão nele. Pode perguntar para ele. Você vê? E ele era meu adversário. Só que ele não queria brigar comigo porque era ruim brigar comigo, sabia que era ruim. Ele era forte, gordinho, mas sabia que eu era bom de briga, mas não por isso. Você vê, eu que fui levar o cara. O cara fez tudo isso para nós, meteu foguete em nós, e eu fui levar ele em casa. São tantas passagens, são tantas coisas, mas eu participei de tudo, é difícil um movimento que eu não participei.

B.H. - Da Independente nós também entrevistamos o Danilo.

H.S. - Esse veio da minha torcida também, é descendente, mas tem um carinho por mim, um amor que você não pode imaginar, o respeito que ele tem por mim. Você perguntou de mim para ele?

B.H. - Sim, sim. Fomos a sede...

H.S. - O que ele falou de mim?

B.H. - Muitos mencionam você espontaneamente, das outras torcidas, inclusive gerações mais recentes. Tivemos...

H.S. - Nem Deus contentou o mundo, todo mundo, não é? Tem gente que deve ter alguma coisa, isso é... eu até respeito, cada um tem a sua opinião. Mas de um a dez, tenho certeza que oito eu fiz bem. Tenho certeza disso.

B.H. - Nós tentamos com o Ferrão.

H.S. - Ferrão, ele é da minha torcida, um cara que eu gosto. Foi meu inimigo na época e tal, mas é um cara que fez muito por torcida também, segurou bem. Um cara que largou o emprego, largava tudo e ia. Tem uns caras que a gente tem que tirar o chapéu, como no Corinthians teve uns, como o Dentinho, o Batata, os caras, porra, são uns heróis. Para fazer o que a gente fazia, viajava, perdia emprego, e ficava devendo para ônibus e dava cheque sem fundo [risos], mas é, a gente fazia tudo para levar o torcedor. Por exemplo, você veja a dificuldade, no ônibus pode ir só sentado. Aí tem dez que está lotando o terceiro ônibus, aí não vem mais ninguém, e aí, como você faz? Deixa os dez na rua? Ah, vamos embora, do mesmo jeito. E tem que levar, vai o ônibus com dez, com 15. Hoje, não. Talvez eles não contem para você, eu nunca tive isso. Como não teve a TUP, a Independente também não teve, os Leões também não teve, hoje, eu nunca ganhei um ingresso do São Paulo. Eu ganhava de chegar lá com vocês três, chegava no porteiro, fala para o presidente que eu vou por os três para dentro. Fala que é o Hélio, e entrava com vocês. Mas hoje eles ganham 300 ingressos, 500, mil, e vendem. É a realidade. Hoje eles têm isso aí, então eles sobrevivem, ajuda a torcida pagar o ônibus. Eu não tive nada disso, não. Nada. São Paulo antigamente dava uma ajuda simbólica para comprar uma faixa, um foguete, nada. Hoje, não. O Corinthians chega a dar cinco mil ingressos. Acredita? Eles não falam. A Independente agora está ganhando aí 300, 400 ingressos. Então, se torna difícil você protestar. Eu não, eu chegava no presidente e brigava. Eu fiz o enterro do Dallora no São Paulo, enterro simbólico. O enterro que eu gastei mais flor, foi o meu enterro. [risos] Eu passei ali na Dr. Arnaldo, eu fiz um caixão, eu e o Pérsio, e o Pérsio não podia falar nada que era diretor, tinha o rabo preso, então foi escondido. Eu fiz o caixão, aí põem flor, vamos comprar flor, cadê dinheiro? Aí passamos naquelas flores que estão meio gastas lá, passada, eles jogam lá do lado, enchemos todo carro daquelas flores, era flor que não acabava mais, e o Wanderlei Nogueira no meu carro junto, com o caixão em cima. Aí nós no Morumbi, não deixamos o torcedor entrar no jogo; a gente via lá em cima, todos os diretores lá atrás da cortina, e eu falando e falando, porque o Dallora, um grande amigo, um puta de um são paulino de Guaxupé, ele disputou oito títulos e

perdeu cinco dentro do Morumbi. A recuperação dele foi quando ele trouxe o Careca, mas não ganhou nada. Foi um presidente que não ganhou nada. Então eu queria ele fora, fiz o enterro simbólico dele, não deixei a torcida entrar. Até isso eu fiz.

B.H. - Eles ficaram fora do estádio?

H.S. - É, fora, lá na frente lá. Nós andávamos com o carro lá, e a Jovem Pan e outras emissoras me entrevistando e eu... pau no São Paulo, nos diretores. Então ficou marcado na história, eu fiz o enterro simbólico do Dallora.

B.H. - Quando foi isso?

H.S. - Acho que 84, foi uma época ruim do São Paulo, que o Santos foi campeão, e eu nesse dia, quem levou aquele troféu para dentro do vestiário fui eu. O Serginho fez aquele gol, aí eles largaram o troféu, eu que levei lá para dentro o troféu. Então eu queria que o Santos ganhasse. Tinha cinco do São Paulo lá no Santos.

B.H. - Para o senhor era mais gratificante ganhar um campeonato estadual ou um brasileiro, nessa época?

H.S. - Nessa época, paulista. Paulista era o mais ambicioso. A gente gostava mais do paulista. Eles mesmo fizeram a gente perder essa emoção, por todo esse jeito deles fazerem; acabaram com os times do interior, fizeram essa forma de campeonato, que para nós ganhar o paulista era o luxo nosso. Brasileiro, depois. Agora mudou tudo.

B.H. - Como era jogar no interior, era difícil? O senhor mencionou que havia times fortes no interior.

H.S. - É, forte. E a torcida também era ruim. Mas eu sempre me prevenia. Eu chegava aqui no comando aqui, falava com o comandante, “eu queria que o senhor, nós vamos jogar em Araraquara, queria que o senhor veja quem é o comandante lá, o senhor faz uma cartinha que ele receba nós lá, leva para dentro do estádio, depois leva no ônibus”. Aí eu falava, fica todos no ônibus, não sai ninguém. Descia eu sozinho, ia lá na polícia, “quem é o comandante aí?” “É tal fulano”, “dá para o senhor levar lá?” Lá vinha o comandante. “O senhor... pois não, quantos têm?” Me levavam até dentro do meu lugar, “até acabar o jogo todo mundo fica aqui”. Cansei de fazer isso. Elogiava depois, mandava uma carta elogiando o procedimento dos polícias, eu fiz isso aí, era romântico. Eu me precavia, por isso que eu ia com os pais lá, eles sabiam que eu fazia isso.

B.H. - E talvez isso tenha a ver com o fato... como eram estádios mais acanhados, menores, mas era mais fácil o confronto, o contato. Talvez por isso fosse mais difícil jogar no interior.

H.S. - Também, também. Os espaço que eles davam era muito pequeno, e no pior lugar eles davam, no fundão, onde estava tudo quebrado. Sempre o pior eles davam para a gente. E eu achava até normal. Banheiro não tinha, era um só para os visitantes, era um caso sério. Hoje, melhorou muito. Mas eu me lembro do campo do São Bento, como podia ter jogo antes de inaugurarem o novo lá, o CIC. Era incrível, parecia um pasto, uma coisa assim... como podia ter jogo naquele campo lá! E tantos outros que a gente foi. Disputamos lá numa cidade aí, esqueci o nome, nossa, que coisa. Tinha estados aí que não dava, então era difícil para a torcida do São Paulo ir lá. Mas o bom, que a gente chegava nesse interior, tinha muito torcedor do São Paulo, do Corinthians nem se fala, aí é que nós nos juntávamos, mas era muito difícil antigamente.

B.H. - E havia alguns clubes que hoje nem tem a expressão que tinham naquela época, como o Inter de Limeira, por exemplo.

H.S. - Era, time forte.

B.H. - Chegou a ser campeão paulista.

H.S. - Era, forte. Os dois times de Ribeirão Preto, Botafogo e Comercial, era muito difícil jogar lá, 15 de Piracicaba, muito forte, 15 de Jaú, tinha uns times fortíssimos. Campeonato Paulista antigamente, eu achava que aqueles times que disputavam nessa época, podia enfrentar um Flamengo lá e ganhava lá, viu? Juventus, ganhava lá. Se disputasse um campeonato carioca ia ser campeão lá. Na época, cada baita time que os jogadores deles vinham para o São Paulo, Corinthians, Palmeiras, eles forneciam jogadores para os times da capital toda hora. Vinha tudo do interior, que hoje não tem mais esse celeiro. Não tem mais, difícil vir um jogador. Acabaram com tudo. Hoje quer comprar.

B.G. - No começo da entrevista o senhor tinha falado de alguma coisa em Marília. É difícil?

H.S. - Então, Marília, eu e o Serginho, Serginho também meteu o pau em Marília, que ele jogou lá. Ele de um lado e o Mauro do outro, que eram dois jogadores do São Paulo. O Mauro na ponta direita e ele na ponta esquerda, na época. E eu com a torcida lá, quando parou o jogo; queimaram minha mulher lá, eu brigando, brigando, e justamente com o cara que começou a brigar, o cara era um cabo da polícia. Esse cara que queimou. Depois eu fiquei sabendo na delegacia, aquela coisa toda. Aí eu brigando, brigando, São Paulo estava 1x1, aí brigando, caí dentro lá, o primeiro que foi me pegar foi o Pedro Rocha, foi lá, me abraçou e tal, aí nessa confusão toda, parou o jogo, a polícia me levou, pior que levou toda torcida embora. Eles tiraram nossa torcida. A torcida deles vinha vindo, como eles tiraram os Gaviões, a gente ficava no fundo, na entrada, e deixava nós, já era de

propósito. E o prefeito, um cara que não me lembro, Pedro Pavão, se tornou deputado esse cara, aí quando o São Paulo ia jogar lá, eu ia nas rádios para perguntar se ia fazer caravana, porque a gente sempre divulgava caravana nas rádios. Aí eu falava, não, eu não vou em Marília porque lá é uma cidade de índio. Falava assim, ao vivo, não vou lá por isso, isso, isso, porque o presidente é assim. Denunciava pra caramba, e o Osmar Santos me apoiava, e o Osmar Santos era de Marília. Ele arrumou confusão lá por ele me apoiar, ele arrumou confusão por minha causa lá, em Marília, ele estava sendo pessoa não grata. E no fim eu tive que ir Marília, sabe por quê? Casamento dele. Eu no casamento do Osmar. Que judiação esse cara, que aconteceu com ele, não é? O maior narrador esportivo dessa nova geração.

B.H. - No intervalo havia perguntado se no campeonato de 86, a conquista lá no Brinco de Ouro da Princesa, o senhor tem alguma recordação desse campeonato, algo que tenha te marcado nessa conquista ainda nos anos 80 do São Paulo?

H.S. - Esse ano seria injusto, apesar que o Guarani tinha um grande time, chegou na final, e o São Paulo tinha um time que a gente tinha certeza que ia ser campeão. E a torcida foi no espaço que deu, e a gente lotaria todo Brinco de Ouro, mas a gente tinha limite, eles tinham limite para deixar nossa torcida. E naquele dia o que mais marcou foi a certeza que a gente... quando veio aquele empate que o Careca fez aquele gol, que foi um erro do Wagner lá atrás, foi que ele saiu jogando, o Joãozinho tomou a bola dele, fez o gol, e aí esse mesmo Wagner, que o Waldir Peres deu a bola, ele deu um chutão que bateu na cabeça do Pita, que caiu lá do outro lado do Careca e ele mandou para o gol. Aí foi a maior emoção. Que aí nós tínhamos certeza que nos pênaltis nós não íamos perder, que a gente confiava muito no Waldir Peres e eles tinham do outro lado o Meneca, que pegava tudo. Negrão lá não era fácil, não. Foi isso que marcou a torcida, e me marcou. Parecia que eu ia morrer naquele dia por causa do talco, porque nós jogamos tanto talco, que ficou um branco, e eu me afoguei com o talco. E foi por Deus, que o cara do lado, toma água, toma, água, foi desentupindo, eu ia morrer mesmo naquele daí, não respirava mais, cheguei a cair. Me recuperei, fui no vestiário; aí foi aquela festa toda, e o Careca aquele dia foi o nosso maior ídolo. Agora, em 70 nós também nós fomos campeão lá. Depois veio consagrar aqui, nós já éramos campeão em 70; que nós levamos na época...

B.H. - 71?

H.S. - 70, com a Ponte Preta.

B.H. - Porque eu estou pensando que o Campeonato Brasileiro é 71, foi Atlético Mineiro.

J.F. - Ele está falando Paulista.

H.S. - Paulista, nós fomos campeão duas vezes, 70 e 71. E até na volta, o Laudo Natel estava junto, a torcida levou dois ônibus, e nós, tudo que tinha no Frango Assado, a torcida invadiu, pegou tudo que podia. E o Laudo Natel pegou, está nos registros do São Paulo. Na época, o Laudo Natel pagou tudo, pagou 20 milhões. Não sei que milhões era. [risos] Sei que ele pagou tudo. Também levaram tudo, caneca, deixaram o Frango Assado... a torcida levou tudo. Está nos registros do São Paulo isso aí. Se vocês pedirem isso lá, têm todas essas histórias lá. E aí nós viemos felizes da vida. Em 71 também fomos campeão.

J.F. - E o Paraná, como era o Paraná, aquele jogador?

H.S. - O Paraná era muito genioso, e eu briguei com o Paraná, só não foi as vias de fato porque seguraram, porque eu tinha certeza que eu ia quebrar a cara dele porque eu era forte, lutador, e ele pequenininho daquele jeito. O Telê Santana, a primeira vez que estive no São Paulo, ele ficou lá quase dois meses, e ele discutindo com o Paraná, o Paraná deu um tapa na cara do Telê. Aí eu soube, fui lá quebrar a cara dele. Desde essa época que eu sou amigo do Telê Santana. Acho que por tudo isso eu te conto que ele tem esse... Quando levei ele para o Palmeiras, também fui recepcionar ele, conversei com ele, quando ele estava em 90 lá, que ele foi contratado pela TV, um canal do Rio, e aí eu falei “já vai embora, Telê?” Ele falou, “vou embora porque eu tenho que me apresentar no Palmeiras, depois de amanhã”. Eu falei “pois é, quando eu voltar para o Brasil, você vai ser treinador do São Paulo”. “Você está brincando...”, “você vai ver, quero você no São Paulo”. E demorou mais 20, 30 dias, ele veio para o São Paulo. Ah, quero contar uma história para vocês, essa eu faço questão de contar, sobre o Telê. Telê, em 90, quando disputamos o campeonato Brasileiro, ele perdeu para o Corinthians. O Neto cruzou e o Tupanzinho fez o gol. Aí a imprensa toda caiu em cima do Telê, “fora Telê, pé frio, pé frio”, só falavam isso. Então a torcida foi comprando a ideia, foi comprando a ideia, que a imprensa é formadora de opinião, vai formando e o torcedor vai junto. Aí queriam derrubar ele de todo jeito. Aí, Telê, telefonou para mim, não conseguiu falar, falou com meu irmão. “Telê quer falar com você”. Peguei, fui falar com ele, aí ele conseguiu falar comigo, “olha, eu gostaria que na terça-feira você viesse aqui no centro, você pode? Convida seus líderes da torcida que eu quero falar com você. É muito sério. Você não é amigo?”, “lógico que eu sou, independente do que está acontecendo, você sabe que não sou eu quem vai a você, sabe o carinho que eu tenho por você”, “por isso mesmo que eu estou te convidando”. Aí eu fui lá no centro de treinamento. Estava o Dallora, esse que eu fiz o enterro dele, e o Fernando Casal de Rey numa sala lá do lado. Chegamos lá, não sabíamos do que se tratava, eu não sabia mesmo, nem eu nem os outros. Esse papo demorou umas duas horas,

mas vou fazer um resumo. Ele começou a falar, olha, estou muito triste com a torcida, não com vocês, talvez, mas com a torcida de um modo geral, porque a imprensa está fazendo isso, isso, quer ver o eu fora do São Paulo. Começou a falar a vida dele no São Paulo, que ele tinha um salário pouco no São Paulo, que ele merecia muito mais, que o São Paulo queria por ele cinco estrelas, ele não quis, ficou morando em São Paulo para cuidar do São Paulo, eu que cuido tudo daqui. E começou a falar, a e eu também sei o que é torcer, fui torcedor, fui jogador, vocês são a razão de tudo, que vocês pagam, vocês apanham, vocês tomam chuva e tudo. Então começou a falar, falar, falar, só que é o seguinte, olha, minha mala está aí na outra sala, está ali o Fernando Casal de Rey, o Dallora, quem me manda embora do São Paulo, não é empresa, não é ninguém, é vocês agora, ou eu vou agora ou não vou mais, porque tem um detalhe, o nosso time está pronto, se vier um outro treinador, muda tudo, que eu sei porque sou treinador e vocês vão continuar sofrendo. Agora, se vocês confiarem, vocês derem a palavra que vocês tem liderança para fazer isso, e não deixar me vaiar, porque eu chego em casa o meu neto fala, vô, xingaram o senhor disso, a minha mulher triste, em casa é uma tristeza que não tem tamanho, e eu também estou muito triste, e eu não preciso mais disso. Estou bem, quero ir embora, mas eu gosto do São Paulo, fiz um trabalho para nós ganharmos, nosso time está pronto para ganhar. Vocês tem que confiar em mim. Falou, falou, falou duas horas. Aí nós nos abraçamos, choramos, eu me emocionei com ele, e aí ele chamou os diretores e disse, olha, o Hélio vai pedir umas coisas aí para vocês fecharem comigo. Aí foi onde fiz faixa, dei volta olímpica, está tudo isso gravado. Aí nós nos reunimos, a Independente, e fizemos um trabalho para ninguém xingar o Telê. Já de cara gritando, Telê, Telê é nosso, gritando, gritando e a faixa, fizemos uma ideia. Aí o que aconteceu? Três anos e meio, ele conquistou 16 títulos, os mais importantes do mundo. Então eu faço parte dessa história, sim. E isso está lá no São Paulo, está o Fernando lá para falar, e o Dallora. E ele falou isso algumas vezes, que a torcida que segurou ele. Eu também sou dessa história de que nós somos, todos esses títulos e campeão mundial, e eu estou com ele ali justamente, quando nós ganhamos lá a gente se abraçou, ele falou, você lembra... no avião ele falou isso para mim, ele saiu da primeira classe, disse “Hélio, meu grande amigo”, estava eu, o Raimar, que era irmão do Raí, ele tornou a falar isso, eu falei “pois é, mas eu confiei, sempre confiei na sua pessoa”.

B.H. - Ia justamente te perguntar por esse momento, os anos 90 que foi um momento de conquistas nacionais, continentais, internacionais, Tóquio; ao mesmo tempo você nos contou que a sua participação na TUSP foi até 93. O senhor chegou a ir até o Japão?

H.S. - Fui no Japão, dei a volta Olímpica, eu e o Raí. Eu fui o primeiro a invadir Tóquio. Eu fui o primeiro, aí veio a torcida. Até dois pularam, quebraram a perna, vieram dois com a perna engessada no avião. Os caras baixinhos assim, e lá não tem polícia, eles faziam assim os funcionários da Toyota, e eu passei por tudo e carreguei o Miller aqui, eu dei a volta com o Miller, está na gravação. Então o primeiro que entrei. No outro ano já não deixaram mais. O Miller com o Milan já não me deixaram mais, ninguém entrou mais, aí eles proibiram. Mas eu dei a volta Olímpica lá junto com eles, junto com eles.

B.H. - Na Libertadores já tinha também... participou?

H.S. - Libertadores eu fui em todas, difícil a Libertador que eu não fui. E lamento muito que o Telê, na minha opinião também, quem sou eu para falar que... quando ele foi mandar o Palinha, o Palinha não podia bater aquele pênalti nunca, ele já estava batido de lá. Foi mandar bater com ele. Foi o último jogo que a minha filha mais nova foi comigo no estádio. Foi ela com as amigas dela, quando o Palinha foi bater eu falei, “filha, vamos embora que...” tinha 126 mil pessoas no Morumbi. Que chutou o pênalti e perdemos para o [inaudível] aquele dia lá. Perdemos dois títulos que não podia perder. Seria oito vezes campeão já. Perdemos em casa.

B.H. - Mas então 93, 94 o senhor se afastou da TUSP, outras pessoas continuaram durante um tempo...

H.S. - São paulino...

B.H. - Mas o senhor continuou indo aos estádios?

H.S. - Direto. Difícil o jogo que eu não vou. A não ser durante a semana, às vezes não estou afim e tal, mas é difícil eu me desvincular do São Paulo. Primeiro que tenho grandes amigos lá e eles me entusiasma. Quando eu vejo os conselheiros assim, chego lá os caras me abraçam, você sumiu, você não vem... você é uma lenda, você é não sei o que, eles começam a falar, e a gente põem isso na cabeça e não tem jeito. [risos] E eu tenho uma rapa lá que também me infere para ir, desde os 14 anos, então... A gente pegou um vínculo muito forte, eu, de viver a vida, eu não sou um torcedor, na minha opinião, como aquele torcedor que é fanático, mas que não conhece o São Paulo, não conhece lá dentro. Eu conheço tudo. O Juvenal Juventus quando foi ser presidente da primeira vez, eu meti o pau nele, que o Miguel que apresentou ele para ser o presidente, eu não quis, eu era Galvão. Aí eu falava mal dele para tudo quanto é jornal, que não era são paulino. Aí o Miguel me chamou, “quer falar com você. Você pode falar com ele?” “Posso, vamos lá”. Marquei na sala lá, não da presidência, que ele não era nada, o Miguel que era o presidente, aí perguntou para mim, “Hélio, por que você fala de mim achando que eu não

sou são paulino?” Aí tirou a carteirinha, “olha, eu sou quando o Laudo Natel era presidente, trabalhei com ele na casa, fiz parte...” falou o nome da entidade, “trabalhei, há 16 anos já, tal; está certo, você é Galvão, tudo bem, mas não precisa falar mal de mim nós sendo são paulino e tal”. Falei “primeiro, Juvenal, eu nunca te vi no São Paulo, segundo, se eu te levar aqui no Morumbi você não conhece a sua própria casa, como eu posso admitir que você seja presidente do São Paulo? Nunca te vi aqui, rapaz. O Galvão não, onde nós estamos debaixo, ele foi o arquiteto que fez o Morumbi, a história do São Paulo eu conheço, mas tudo bem”, aí ficamos nisso aí, mas ele não ganhou, ganhou o Galvão. Então eu sempre fui contra o Juvenal, o jeito dele trabalhar. E agora, você vê, a cria comeu o criador, não é? Agora os dois são inimigos. Eu ainda não falei isso para o Miguel, qualquer dia vou lá falar isso para ele isso aí. Então o Miguel é muito amigo, o Miguel cresceu comigo no São Paulo, junto, a gente tem história. Como eu vou desvincular se eu tenho todo esse laço lá dentro? E eles têm esse respeito por mim, esses jogadores antigos aí, nossa, eles fazem questão de contar para esses de agora, o Walter Milton Cruz chama os caras lá, o Hélio foi isso... esses caras apanhavam, brigava por nós, ele fala, o Milton Cruz tem história, conta, o Waldir Peres. Realmente eu sempre dei minha vida por eles, eu dava minha vida pelo jogador do São Paulo. Nossa, eu não admitia. Uma vez eu e o Cilinho na porta do Morumbi, quebraram toda caminhonete dele, um menino que até está internado que ele tem diabetes, é o Cidão, os palmeirenses bateram nele, na porta do Morumbi, aí me falaram, vamos lá, eu e o Cilinho, e uma caminhonete preta do Cilinho que tinha lá, os caras quebraram tudo lá. Ele debaixo de mim assim, e eu não deixando os caras bater, e eu brigando com os caras, eu e o Cilinho e mais uns dois, e a torcida do Palmeiras em cima. Aí vieram o pessoal do São Paulo com pau, aí fugiram. Mas não deixamos matar o cara lá. Isso foi quando o Celinho esteve no São Paulo, em 85. E quando o Falcão veio para o São Paulo eu também tive um tererê com o Cilinho, que ele não queria escalar o Falcão. Ele foi o rei de Roma, eu quis fazer ele o rei do Morumbi. Então comprei o manto, comprei a coroa, comprei o cetro, e aí o Celso Grelê, que era o relações públicas que trouxe o Falcão, aí ele falou “não, ele é chato, ele não gosta disso, não vai querer...”, eu falei “isso é problema meu, torcida”. “Olha, o São Paulo não tem nada a ver com isso”. Aí o que eu fiz? Fiz um corredor da onde sai os jogadores, todos com a mão trançada um no outro, do outro lado, até quase o meio de campo. Lá um travesseiro de veludo, cetro lá em cima, moça bonita, e uma capa, outro com a coroa, aí a hora que ele entrou, tinha 85 mil pessoas, a hora que ele entrou, catei ele pelo braço “teu caminho é por aqui”. Ele veio lá, coroei, pus o manto do São Paulo,

vermelho, pus a coroa, até a Globo fechou eu colocando a coroa nele assim. Saiu em todo jornal do mundo. Aí que eu briguei com o Cilinho, porque o Cilinho não escala ele, e se o Marcelo Araújo estava em plena forma... Aí vinha carta lá, a Angelina me entregava carta, que está lá até hoje, é a mais antiga, está cheio de carta aqui para você da Itália. “Da Itália? Não tenho ninguém lá”. Aí eu li as cartas, eram os torcedores do Roma pedindo para que eu colocasse o Cilinho, falava italiano, eu lendo a carta, muita coisa eu não entendia, mandava ler para mim, eles mandavam 20, 30 recortes pequenos assim, de manchete, que era o maior jogador do mundo. Eu falava “pô, tal...”, “não, aqui joga quem estiver bem”. Era meu amigo, volta e meia a gente ia comer galinhada lá em Campinas, que ele é bom cozinheiro, viu. Aí ele não escalava o Falcão, e chegava carta, chegava carta. Aí eu peguei essas cartas e dei para o Falcão. Aí ele me agradecia, falou “Hélio, você não tem culpa de nada, tal”. “Eu sei”. Aí eu trouxe uma fita, em 90, que tinha no rio Tevere, tinham aquelas feiras a noite, e tinha lá uma televisão contando toda a história do Falcão, umas histórias lindas, sabe? Falava, marcava os gols, falando que era o rei de Roma, aí eu comprei essa fita e trouxe aqui e tinha que fazer diferente porque não pegava aqui. Está comigo até hoje essa fita. E o homem aqui no São Paulo não jogava. Aí o Cilinho se desentendeu comigo, depois ficamos de bem, tudo. Então eu coroei também o Falcão no Morumbi. Fui eu o cara que fiz essa homenagem a ele. Ele é muito grato até hoje, a gente nessas copas do mundo se encontra, conversa, até ele fica separado; não sei o que tem entre... fica ele e o Galvão, o Casagrande e o Arnaldo, mas de vez em quando eu via ele separado, não entendia porquê. Ele é meio reservado.

J.F. - A propósito do Casagrande, quando o Casagrande foi para o São Paulo em 84 teve uma polêmica muito grande, a torcida [?]

H.S. - Eu adiei a estreia dele, fui eu. Porque é o seguinte. O conselho do São Paulo me telefonou dizendo “Hélio, contratei o Casagrande”, eu disse “você contratou esse filho da mãe? Ainda bem que você me avisou às dez horas, porque agora eu vou nas rádios, televisão, vou esculhambar”. “Por quê?” “Porque ele falou que nossa torcida é de pó de arroz, é isso, e namorando com a Monica aqui, filha do conselheiro do São Paulo”, que é esposa dele, mãe dos dois filhos, e eu sou muito amigo da Monica, tudo, dos pais dela. “Porra, mas que isso?” “Não, você pode...”, “mas quarta-feira vai estrear”. “Não vai, não. Vou esculhambar com esse cara”. Resultado, aí marcaram uma entrevista sexta-feira a noite, para eu e a imprensa e falar por que. Aí eu convidei o Eduardo Luís, o Ligeirinho, da *Bandeirantes*, e um da *Jovem Pan*, que tinha essa gravação. Assim na frente, eu e ele, eu falei. Ele estava encostado no Corinthians, naquela democracia encostaram ele. E

segundo, eu sabia da contratação, depois fiquei sabendo que o Miguel ia trazer ele sem estipular preço, nada, e depois ele ia embora sem o São Paulo ganhar nada. Então o que ele fez? Veio para o São Paulo. Na sexta-feira, nos reunimos, reuni com o São Paulo, agora sim, ele vai ser, vou fazer uma festa para ele domingo. Aí fiz faixa, fiz tudo, Casagrande uma grande raça no São Paulo e tal. Fiz uma festa, dei um ramo de flores, aí ele em meio campeonato ele fez 11 gols, foi a seleção brasileira, lá o Osmar Santos, eu e ele, em Guadalajara, ele fez esse depoimento, e agradecendo tudo ao São Paulo por ter recuperado ele. “Hoje eu estou na seleção, agradeço ao São Paulo”, com a mão esquerda me abraçando, em Guadalajara. Eu adiei a estreia dele. Hoje somos grandes amigos, tudo aquilo que aconteceu com ele. No dia que ele lançou o livro lá, ele me deu o livro assinado, na Paulista. São essas histórias. Para vocês verem que realmente, sem desfazer de outras torcidas e presidente, eu sempre fui um cara diferente. E eu sempre participei ativamente do clube. Mas eu fazia mesmo manifestação, sozinho, ia lá e encarava. Uma vez também o presidente do São Paulo, o Marcio Aranha, que era secretário da Maria Pia, que é conselheira do São Paulo, o meu compadre tomava conta do expressinho do São Paulo, ele veio com a boca machucada, fui na vidraçaria dele e ele falou, “aquele covarde lá, porque tinha perdido o jogo, ele pegou, discutindo lá, me deu um murro sem eu esperar tal”. Pois eu fui na sala do Pimenta, fui quebrar a cara dele, ele pulou, ele ficou sem ir no vestiário uns três meses, porque tinha batido no meu compadre. Foi meu padrinho. Era vice da torcida, pô, e diretor dos [pracinhas]. Então era assim, meio louco, mas em defesa do São Paulo. daquelas pessoas que realmente era são paulino. E outros lá, como eu falo até hoje quando eu vou no São Paulo, eu vejo um pessoal lá que se esconde atrás de carteirinha, e eu no São Paulo nunca tive carteirinha, não, a minha carteira era a minha pessoa, não tinha lugar que eu não entrava e que eu não passava. Qualquer lugar, quem eu levasse, entrava comigo. Era seu Hélio Silva que nunca tive cargo, não recebi nada, nunca fui sócio, conselheiro, nada, fui um cara autêntico, são paulino de verdade, eu me considero.

B.H. - O senhor falou que quando se afastou da TUSP ela ainda continuou durante algum tempo, depois...

H.S. - Foi caindo, pararam, não levaram mais faixa.

B.H. - Isso foi final dos anos 90?

H.S. - Parou mesmo em 95.

B.H. - Em 95 acabou, a torcida deixou de frequentar o Morumbi.

H.S. - A torcida ia, mas sem faixa, sem nada. Aqueles que vão até hoje, quando eu vou no Morumbi, eu faço questão de ir daquele lado, que até hoje ficou marcado que eles não vão em outro lugar a não ser sentar ali naquele cantão, eu vou lá porque sei que encontro a velha guarda ainda. Aí os pais, avós “olha, esse aqui é o Hélio Silva”, filho já casado, que não me conheceu, então fala de mim. Esse aqui... ele era pequenininho, você levava... essas histórias gostosa, que eu gosto de ouvir, da velha guarda, gente da minha idade, um pouco mais novo ou um pouco mais velho, são gente que ainda vai lá no Morumbi, que eu faço questão de ir naquele cantinho para ver eles.

B.H. - O senhor acha que existe a possibilidade de alguém resgatar e a TUSP ser...

H.S. - A própria Independente, o Nico foi presidente, antes de ser agora o Baby, ele falou para mim, “pô, Hélio, vamos fazer a TUSP de novo?” Você vê, os próprios presidentes da Independente, uma porção de deles, e quando eu encontro, pô, Hélio... me beija, fala... quando eu na Independente, “nossa, nós devemos tudo a você” e tal, a gente escuta umas coisas gostosas, Você tem que ver, você vai comigo lá, você vai encontrar um que chega, outro que chega, só falando isso, esse é o cara. Essas coisas que me deixa alegre.

B.H. - Mesmo com essa rivalidade inicial você depois se aproximou da Independente?

H.S. - Eu sou, uso a camisa da Independente, eu ia até por ela. Tenho a camisa da Independente aí. Tenho prazer de ver. Porque para mim, como eu falei, eles me deram muita alegria, mesmo com a violência que eu não apoio, não concordo, a torcida cresceu muito, hoje é uma torcida respeitada, muito respeitada. A Independente é respeitada em todo Brasil. Todo lugar tem. Eu viajo ainda hoje, quando eu viajo para outros lugares, eu vejo. Então eu fico feliz de ver a Independente crescer, só não concordo, nunca concordei com a violência, mas o crescimento da torcida eu agradeço a Independente, sem sombra de dúvida, sem sombra de dúvida.

B.H. - E a participação dela no carnaval também, o senhor...?

H.S. - Também.

B.H. - O senhor acompanha o carnaval?

H.S. - Eu vim com o bloco, hoje vejo elas já disputando.

B.H. - A Dragões da Real está em quinto lugar.

H.S. - Então, olha que beleza. Eu fico feliz porque tem um do São Paulo que ajuda muito a eles, e tem que ajudar mesmo, que é o campeão do judô, Aurélio Miguel. A sede é dele, o espaço que dão para eles. E eles vem trabalhando muito bem, e eu fico feliz porque agora o ano passado mesmo, eles ficaram na frente dos Gaviões e da Mancha, então, eu como são paulino fico feliz, vou torcer para eles ganhar, vou torcer para a Independente

ganhar, não é verdade? Então para mim, me deixou orgulhoso. Só não gosto da violência, sou contra a violência.

B.H. - Ainda, um tema que acaba sendo recorrente esse da violência, aqui e no estádio do Pacaembu em 1995 teve um confronto.

H.S. - Eu estava lá. Estava lá em cima na numerada e eu vi tudo. Eu falei, olha, tinha um pessoal da diretoria da federação, eu previ isso antes; quando eu vi meia dúzia de polícia, pela experiência de torcedor, eu vejo, já... a gente tem muita malícia. Aí vejo aquele estádio lotando, vejo em construção tudo aquele monte, eu falei, dependendo do resultado vão pular aí, tem pouca polícia, falei lá para várias pessoas que ia acontecer aquilo, eu tinha certeza que um dos adversários que perdesse ia acontecer, e não deu outra. Foi uma coisa incrível. E eu acho que ainda... não tinha polícia, se passa hoje, você não vê polícia, é uma coisa absurda. O que eu falo para você da associação, eles não previnem nada, é tudo assim. Agora que a Taça São Paulo está tomando outra linha, outra conduta, mas antes, não. Antes era no Pacaembu, meia dúzia de policiais, achando que era garotada, não é nada disso. Hoje a torcida vai em peso mesmo, e já vai com a maldade na cabeça, a verdade é essa. As torcidas já vão preparadas porque criaram esse clima. Não vou dizer que a torcida do São Paulo é boazinha, não é boazinha nada, eles já vão preparados porque não vão lá para apanhar, o outro a mesma coisa. Então tem que haver uma política, uma polícia preventiva, e não repreensiva, só sabe dar paulada, pô, porque não preveniu que ia acontecer isso antes? Então é isso aí. Eu vi, estava lá, nossa, foi um... Aquele rapaz, eu conhecia ele, que foi caindo, tombando, tombando, nossa, eu fui no enterro dele. Foi uma coisa muito triste no futebol, ficou marcado. Daí para frente que eles começaram a por polícia, aquela coisa toda.

B.H. - E a partir desse episódio houve a proibição dessas torcidas durante um tempo. A sociedade clamava pela extinção das torcidas, banimentos dos vândalos, ela ficou um período banida, depois voltou.

H.S. - Perfeito.

B.H. - O senhor acha que esse tipo de ação, proibir a legalidade das torcidas organizadas é, como setores da sociedade definem, a solução?

H.S. - Eu acho que a alegria do jogador no futebol é a torcida, alegoria, o grito, isso tudo. Eu acho que sem a torcida uniformizada no estádio, a forma do campeonato e o jeito e os horários, o futebol vai entristecer mais, e as torcidas ainda dão aquela alegria, que justamente a televisão foca na hora que precisa que vê a hora do gol, aquela coisa toda. Mas do outro lado, eles deviam ver uma forma de punir a torcida, que hoje estão fazendo

cadastro das torcidas, estão cadastrando tudo, hoje o cara brigou e tal, sabe quem é. Agora, eu pergunto, quando está dentro do estádio tem toda segurança, vigiada, revista, e fora? Fora eles não veem mais nada, cada um sai, o metrô sai e aí já não tem polícia nem nada. Eu acho que acabando com as torcidas não vai resolver, porque no meu pensar, já aconteceu, teve essa punição, adiantou? Eles estavam lá no estádio do mesmo jeito, com outra camisa, com outro uniforme, mas no mesmo lugar, porque eles sabem onde se reúnem. Então, só a camisa fez a diferença.

B.H. - E hoje ainda persiste a proibição da bandeira.

H.S. - Bandeira, instrumento, você vê, eles tiram a alegria. Porque você veja bem, hoje eles permitem a faixa, a faixa vai lá, tem que cadastrar que faixa é, o que está escrito, uma faixa só, sete instrumentos, porque sete instrumentos? Se levar dez, 15, qual é o problema? Eles vão dar com instrumento na cabeça do outro? Está vigiado? Então eles tomam umas atitudes que eu não entendo. Agora, de banir as torcidas isso é muito difícil porque isso é uma entidade, não pode proibir. Você vê que eles não conseguiram por uma torcida só. A própria justiça não deixou, como hoje com o São Paulo. Não pode proibir, é difícil extinguir, dizer, não vai ter mais a torcida, é muito difícil.

B.H. - E como não conseguiram, agora eles estão buscando algumas soluções paliativas, alternativas; mais recentemente a gente tem visto o debate em torno de jogos de clássicos com torcida única.

H.S. - Que absurdo, perdeu toda emoção, perdeu tudo. Porque o bonito do futebol é a rivalidade, o gostoso do meu time fazer o gol é contra o teu e vice-versa, é por isso que eu vou no jogo. Se não fica todo mundo quietinho lá, é um absurdo o que eles querem implantar no país, que é o país do futebol, foi, não é? Então, eles que tem que ver a prevenção para não acontecer isso aí nos estádios. Eles têm que prevenir que não aconteça, tanto fora, no metrô. Que eu acho um absurdo, você vê, vai jogar no Pacaembu, a torcida adversária, uma que é o mandante já vai pelo caminho dele. Aí, não, tem se parar um metrô especial só para as torcidas, leva lá no Hospital das Clínicas e anda dois quilômetros a pé! Como você quer ir no jogo? Polícia de dois lados, parece um bando de animal, de bicho encurralado, então afasta o torcedor. Só tem 500 ingressos. Antigamente com corda, não tinha nem de ferro, que hoje é tudo de ferro, e a gente levava para lá, para cá, ia cem, 112, 120 mil pessoas, hoje não vai 35 no Pacaembu, gente. Porque tudo isso vai afastando, tudo isso, são tantos problemas no futebol que a gente vai se ausentando. Eu não porque sou um fanático, mas o torcedor comum não vai. Não vai pelo horário, é o carro onde ele não tem onde guardar, põe o carro na mão desses bandidos que para mim

são bandido. No estádio, você está assistindo o jogo, olhando o carro lá fora, está com o olho no gato o outro no peixe, não sabe se vão pegar o carro dele, chega lá fora não sabe se tem o carro. O torcedor não é um torcedor tranquilo como é em outros países. Eu assisti todos esses jogos aí fora, vi, pô, porque não é no Brasil assim? Ah, é outra cultura, é outra cultura. Porque nós temos governantes que são capazes de fazer como nós fizemos essa TUESP, para justamente resolver isso aí. Se eles dessem continuidade, voto, a gente dentro da federação, e cada um pegasse seus líderes e falasse, olha, vai acontecer isso e isso, você vão ser punidos pela torcida por isso, isso. Porque não é um elemento que vai denegrir a nossa torcida. Antigamente nós fazíamos reunião assim, vinham todos os associados novos “olha aqui, os dez mandamentos é esse”, distribuía e o que não cumprir vai ter essa penalidade e tal. Acabou tudo isso aí. Antigamente fazia isso. Então o torcedor se prevenia porque se a gente soubesse que ele brigou, foi preso, aquela coisa, a gente sabia, era outra conduta. Hoje em dia é quem tem mais torcedor, quem leva mais pau, quem leva mais ferro, essas coisas todas que... você vê as brigas. Onde estava aquele monte de cassetete e ferro? Já tudo guardado antes para acontecer o confronto. Que os dois vão prevenidos para isso. Então eles têm que dar um jeito, eles que são autoridade, para que acabe com isso, agora, banir as torcidas vai ser difícil, muito difícil.

B.H. – O senhor estava comentado, havia um tipo de confronto que era esse do calor do jogo, na saída do estádio, um encontro, às vezes uma briga física de tapa, de soco. Em 1988 a gente teve a morte do Cléo, que tinha sido fundador da Mancha Verde. Então começa haver uma premeditação. O senhor acompanhou isso? A gente costuma perguntar para as pessoas, até que ponto essa morte do Cléo foi um marco desse novo momento em que a violência passou a ser premeditada?

H.S. - O Cléo era muito amigo meu. Ele era meio violento, gostava de briga e tudo, mas comigo nunca teve problema nenhum. E você vê que isso aí não ficou esclarecido até hoje, não sei a verdadeira razão, saiu no jornal tudo, a gente ouviu várias conversas, mas até hoje não entendi se foi mandado, se foi já encomendado a morte desse menino, que era um menino muito jovem. E eu acompanhei tudo, o procedimento dele na torcida, realmente a torcida dele ficou um pouco mais violenta, ele era muito repisado entre eles, os integrantes. Para mim foi o mais respeitado de todos que estão aí até hoje. Acho que o Cléo criou uma liderança do jeito dele, não é da minha forma, do jeito que eu gostaria que fosse, mas o problema foi dele. E morreu de uma morte trágica, de um jeito tão ruim, do jeito que ele morreu. E eu vou dizer para você, que eu fui o único, que fui na Dr. Arnaldo e no enterro dele. Estava toda a Mancha, o pessoal tudo lá, que nem leão esperando. Quem

foi lá? Hélio Silva sozinho, eu fui lá, e fui bem recebido, todos eles me abraçaram. Fiquei lá, ajudei a carregar o caixa. Outros não tiveram peito de ir lá, o Hélio Silva foi, eu estive presente. Porque eu não devia nada e não temia nada, porque não devo nada, porque eles iam me agredir? E fui lá. Eles admiraram, até hoje eles falam, o único que foi, foi o Hélio Silva. Por quê? Porque eu achava que tinha obrigação de ir porque foi um torcedor que morreu, um ser humano, e que eu nunca tive nada, e se tivesse tido também iria, porque não? Então são essas coisas que acontecem. Eu já vi morrer vários torcedores que foram amigos meus, até do São Paulo morreu, e de uma forma, uns que não tinham nada a ver, morreram inocentemente, morre no ponto de ônibus sem fazer nada, esperando seu ônibus para ir para casa, nem é de torcida. Então umas covardias, assim, sabe? Como eu vi um torcedor, quando começou essas bombas caseiras, lá de cima, São Paulo e Palmeiras, e o torcedor que estava lá em baixo, que a bomba caiu no pé dele, que eu carreguei ele, fui levar lá para dentro do São Paulo para medicar ele, era um torcedor corintiano que jogou a bomba, não tinha nada a ver. Depois o cara foi tão covarde que telefonou, não me lembro bem, eu sei que foi ele que jogou a bomba, achando que ia atingir um são paulino, e o cara não era são paulino esse nortista que perdeu o pé. Você vê, sem motivo, sem nada, como que... Teve um procedimento, uma vez eu vejo, não vi assim de ver, se eu ver vou tentar participar, vou tentar impedir, de ver um pai com filho, quer coisa que mais dói, vem uma torcida “arranca a camisa”, quer bater no pai, aí o filho presencia tudo isso aí. Vê o pai covardemente ser agredido e arrancado da camisa. Isso aí a criança nunca mais esquece na vida. Vê se um animal desse... que é um animal um cara desse, vê que está com pai, não tem nada a ver com torcida, vai com o filhinho dele, qualquer um de nós pode ir. Então são umas covardias que, nossa, eu nunca pensei nisso, de ver tanta crueldade em torcida.

B.H. - Se a gente comparar uma época em que as pessoas até entravam misturadas, pelo mesmo portão, não havia distinção, depois separava dentro do estádio, mas o ir e vir, o trânsito para o estádio era...

H.S. - Ia junto, depois voltava junto. Nada, não pode. Hoje se o cara vai no São Paulo, no Corinthians, no São Paulo nem tanto, mas vai de camisa verde ou a mulher... Eu soube que lá no Corinthians, uma mulher de conselheiro, não sei por que, esqueceu, pôs a roupa verde lá, os caras, ele é meu amigo o marido dela, tiraram ele, ele rasgou a carteirinha. Porque a mulher foi com a roupa de verde, achando que era palmeirense, lá no Corinthians, lá no Parque São Jorge, o cara é meu amigo, até hoje, vê que absurdo. Você vai assistir São Paulo, aí vou ver de branco e preto, vão arrancar a camisa porque você

está de branco e preto. O cara nem lembrou, veio com a camisa. Então você vê onde está chegando à coisa. Então é um absurdo.

B.H. - Ainda fazendo uma comparação. No período que o senhor esteve a frente da TUSP, e outras torcidas... Vamos fazer uma pausa para trocar.

[FIM DO ARQUIVO III]

B.H. - Pode terminar.

H.S. - Outro também, eu nunca vi, como falavam mal, em Firense, do Sócrates. Nossa, como ele é destetado, chamam ele de bêbado.

B.H. - Na Itália?

H.S. - Na Itália, em Firense, o Sócrates era muito odiado, falavam mal dele. Ele bebia muito.

B.H. - Ele jogou no Sampdoria?

H.S. - Não, jogou no Fiorentina.

J.F. - Sampdoria foi o Cerezo.

H.S. - Esse lá é respeitadíssimo. Eu tenho a camisa do Sampdoria, o Cerezo me deu. Então são histórias que vão passando.

B.H. - Uma pergunta que eu queria fazer antes do intervalo, comparando esse período que o senhor esteve à frente da TUSP, o senhor mencionou 12 mil associados, hoje a gente tem uma realidade em que as torcidas tem 60 mil, virou quase um clube, vamos dizer assim.

H.S. - Mais que um clube.

B.H. - Isso não é também um dos fatores que dificulta o controle nessa relação da liderança com os associados que hoje estão espalhados pela cidade toda, que vem de todos os lugares e, justamente, o monitoramento desse deslocamento se tornou... Até que ponto o líder hoje consegue ter o controle sobre o associado numa torcida do porte da Gaviões, da Independente, da Mancha Verde?

H.S. - É, hoje eu sinto nisso muita dificuldade, mas eu sempre falei, a gente falava do crescimento das torcidas, mas também tinha que crescer suas lideranças, a gente falava. Nas reuniões que a gente fazia com os novos associados, na época, nós, juntos, achávamos que conforme aumentava as torcidas tinha que ter as lideranças norte, sul, leste, oeste, para que cada um tivesse os comportamentos... que tivesse um jornalzinho, um tabloide que falasse, notificasse. Sempre fui a favor de fazer um jornalzinho para que os associados

soubessem dos acontecimentos da torcida, esse procedimento, vamos para tal lugar, a gente falava tudo isso daí, porque a gente sabia do crescimento e que a violência fatalmente ia acontecer, porque fatalmente falta líderes. Agora, eu pergunto para você, onde tem liderança, por exemplo, vai sair quatro mil na escola de samba dos Gaviões, como eles se comportam direitinho, porque não é estádio? Tem que ser no estádio para brigar? Então ali com quatro mil, tinha que doutrinar eles para o futebol. A escola de samba é escola de samba, futebol é futebol. Agora, não, você vê como as coisas podem dar errado. Eu acho que um cara, como você disse, tem que punir, você vê esses meninos que foram na Bolívia, não é do meu time, mas são torcedores, estou falando de torcida, foi lá e aconteceu aquilo lá, jogaram foguete ou acidentalmente mataram o menino, aí vieram para cá, aí esses mesmos elementos cometeram algumas infrações, não sou eu que estou falando, é a imprensa que publicou. Aí sai de novo a notícia que esse próprio elemento hoje é presidente da entidade. Então eu como torcedor, eu acho que esse não podia ser mais, porque ele não foi um bom exemplo, e sim um mau exemplo. Quando falam, é jogador, mas é a mesma coisa, são formadores de opinião. O Maradona, Pelé, como pode comparar? Jogador, comportamentos com Maradona e Pelé, é água e vinho. O Pelé foi sempre um cara atleta, o Maradona não, então o Maradona é um mau exemplo, na minha opinião, como qualquer outro jogador que se mete em coisa errada, que faz coisa errada que só vai para o mal. O Adriano você vê o que aconteceu com ele e outros tantos jogadores, eles mesmos acabam com a carreira. E na torcida, eu acho que uma pessoa que tem esse procedimento de violência que teve esse rapaz, ele não poderia na minha opinião dirigir uma torcida da altura do nível que é os Gaviões. Eu acho que Gaviões hoje tem uma grande responsabilidade sobre a sociedade, mas muito grande. Até maior que o próprio clube, que são organizados.

B.H. - Ao invés de ser punido, ele foi premiado.

H.S. - Foi premiado. Então é porque mata mais, quem briga mais, aí sobe de cargo. No meu entender foi isso aí que fizeram com o rapaz. Então, a sociedade não aceita um negócio desses. Os Gaviões, os que fundaram os Gaviões, na época vieram, vieram para por ordem na casa, até no Corinthians, que não ganhava a 23 anos, aquela coisa toda, que eles queriam ter força lá dentro, se tornaram conselheiro dentro do Corinthians, eu sei porque conheço a história. Tinha 48 conselheiros no Corinthians que era da torcida, inclusive o Flávio La Selva era conselheiro, para ter força lá dentro. Os Gaviões se tornaram uma certa época aí, agora não posso falar tanto, mas antes eu acompanhava, eles eram mais organizados que o próprio Corinthians, isso eu posso falar que eu vi a

organização deles. Eu invejava até, no bom sentido, de ver que os caras que pegavam para fazer e faziam direitinho. Agora, veio acontecer essas coisas trágicas de matar, de armar, aí vai decaindo. E o pior é que a torcida cresce e cresce assustadoramente. Como você falou, tem 70, 80. Se é verdade ou mentira, mas a gente realmente vê que o crescimento é grande. Hoje eles lotam um estádio, e aí? Como faz? É difícil controlar, se torna muito difícil. Então tem que ter uma punição muito severa para que esses torcedores deixem de brigar, deixem de se enfrentar em clássicos. Não tem um clássico que a gente não vê morte. A gente já sabe o que vai acontecer. Hoje lá em Santos, a gente não sabe o que pode acontecer hoje, boa coisa não pode acontecer. Dentro do estádio não, porque é cercado, e na volta? Escoltado, está bom, descendo a Paissandu, e aí? Um vai para Penha, outro vai para Guaianazes, dez vai para não sei onde, e aí? Se tem gente já esperando eles, já aconteceu várias e várias vezes. Vocês sabem disso. Várias e várias e vezes. E sempre é torcida organizada esperando gente de torcida organizada, sempre. “Ah, mas está sem camisa...”, mentira, é sempre torcida que está esperando o outro, ninguém vai deixar de dormir para ficar esperando alguém meia-noite, uma hora da manhã para estar... é tudo esperando, é isso que acontece, é tudo torcida organizada. Não adianta querer passar a mão na cabeça, todos são. Esquema chama-se torcida organizada. Jamais alguém vai reunir cem pessoas, 50 pessoas que é torcida comum para estar esperando alguém para... isso não existe.

B.H. - Esse é o ponto que o senhor trás, porque se há repressão dentro do estádio, não há o trabalho de prevenção fora, que se sabe que já há essa intenção de encontrar de grupos que se...

H.S. - Já, já espera, sabe o trajeto, sabe tudo, e é a torcida uniformizada. Isso que está botando liderança. Sabe, foi na zona norte, lá foi o Zezinho, o Joãozinho, eles sabem quem são, porque eles mesmos gostam de contar história, quebrei a cara do são paulino, quebrei a cara do corintiano, eles gostam de contar história, eu escuto isso na sede lá, eu escuto. E todos sabem que é assim. Não adianta querer cobrir o sol com a peneira, é assim mesmo. Não é torcedor comum que o cara está lá no ponto esperando o ônibus, vê um são paulino chegar, palmeirense, esse não ataca ninguém. Sempre é mais de um, é dez, é 20 para pegar um só. Tudo esperando, todas as torcidas fazem isso. Quero ver desmentirem isso, é a realidade.

J.F. - Hélio, você já passou alguma situação em viagens, por exemplo, para o Rio de Janeiro, algum São Paulo e Vasco, você já vivenciou alguma situação?

H.S. - Ah, tive. Com o Eurico Miranda eu tive uma vez uma desavença muito grande com ele, que eu proibi ele de entrar no centro de treinamento, o Telê era o treinador, não lembro que ano foi. Sei que nós fomos jogar lá com o Vasco, e eles não deixaram nós entrarmos lá.

J.F. - São Januário.

H.S. - É, e nós sempre fomos agredidos pela torcida do Vasco, pela polícia, que eles são bairristas lá. O Rio de Janeiro é bairrista. Ele não deixou nós entrarmos, bateram em nós, a polícia. Aí tinha a Taça São Paulo e vinha jogar no centro de treinamento o Vasco, aí eu fiquei esperando, falei para o presidente “Eurico Miranda não entra aqui, ou vocês me matam ou eu mato ele, mas ele não entra”. E ele não entrou, eu não deixei ele entrar, eu não deixei ele entrar, ele não entrou. Porque ele podia entrar, que a polícia punha ele lá dentro, mas falei para o São Paulo, se vocês permitirem, vocês vão ver o que eu vou fazer, porque nós que apanhamos lá, não é ficar no camarote, não é você ficar aqui em São Paulo, nós fomos lá dar a cara para bater, eu falava assim com eles, quero ver se vocês são homem e defende o torcedor, quero ver. Era assim que eu falava com o presidente, assim mesmo como estou falando com você. Estão lá eles para te dizer. “Esse cara não vai entrar aqui”, e não entrava. O Eurico Miranda era problema para todas as torcidas. É um mal no futebol esse homem, esse homem é péssimo, ele é covarde, ele é um mal, ele não serve para ser dirigente de um Vasco da Gama.

B.H. - E ainda nessa linha da pergunta do Florenzano, algum momento você vivenciou diante de multidão, de que a torcida foi, estava ali na eminência de sofrer um ataque, você já vivenciou alguma situação dessa dramática de ver uma multidão vindo contra você?

H.S. - Ah, já vi, várias vezes. Eu tive uma vez que aqui no Pacaembu, aqui na frente estava em reforma, São Paulo e Corinthians, saímos lá por trás, aí eu saí por aqui, saí do vestiário, que eu sempre entrava no vestiário do São Paulo, aí saí aqui, e na frente tinha aqueles andaimes de construção, e quem me salvou nesse dia, que Deus o tenha, foi o dr. Osmar de Oliveira, que morreu. Esse cara entrou na minha frente, não ia ter jeito, tinha mais de cem, sei lá quantos, eu dentro do negócio do andaime, e só me defendendo, aí o Osmar chegou, ele não deixou ninguém me agredir e me trouxe para dentro, não veio um polícia, ele sozinho me levou para dentro. Essa gratidão eu tenho com dr. Osmar de Oliveira, e eu não estava aqui, estava em Tocantins quando ele morreu, fiquei tão triste quando ele morreu fiquei tão triste de eu não ir no enterro dele. Um homem maravilhoso. Corintiano daqueles do bom. E outras vezes também, teve uma vez em Campinas, foi muito difícil, tive que passar apanhando, levando de todo jeito, em Campinas, com a

Ponte Preta. Eu também saí lá na frente, eles jogavam pedra de fora para dentro. Eu precisava chamar a polícia, a gente estava no canto logo na entrada, a direita, e eles lá de fora já planejando, jogavam pedra, pedaço de pedra que caía, pegava... aí eu doido da vida, saio lá sozinho, uma multidão rapaz, nossa, eu era meio atrapalhado. [risos] Quem viu, viu. Eu entrava com tudo, não queria saber nem nada, aí me vi encurralado porque eu quis sair para o outro lado, cheguei lá tinha o dobro; e aquela caipirada, viu, tudo cortador de cana não é mole. [risos] Rapaz... cada situação, viu? Então foi assim. Eu também tive um problema na Argentina, no Chile sempre fui bem tratado nas torcidas. No Uruguai também tive um problema lá, aquela torcida lá, esqueci o nome, Penharol, porque os jogadores que vinham do São Paulo era do Nacional e eu colocava camisa do Nacional, do Furlan, aí, pô, arrumei uma encrenca lá que os tupamaro iam me pegar, chamavam de tupamaro a torcida lá, rapaz... também apanhei lá, apanhei lá, briguei, briguei, mas apanhei, saí carregado, que lá também eles... agora não sei como está, faz tempo que eu não vou. Fui no Mundialito, fiquei com o Furlan, depois não fui mais. Fui numas duas, três partidas lá, no campo do Nacional. O Furlan também foi um grande ídolo nosso. Eu e o Persio fizemos uma despedida para ele muito linda. Foi uma despedida de gala. Nós vestimos a torcida do SP, as crianças, adultos, todos com roupa de papel e fraque, sabe, fizemos um hino para ele. Um compositor fez um hino para nós, e a gente fez uma mudança na versão “adeus Furlan, você vai partir...” e fizemos uma festa muito linda para o Furlan.

B.H. - Agora que você tocou no tema da música, além do hino tem algum cântico, algum grito que você mais gostava?

H.S. - Tinha um grito que eu nunca... era um hino que esses veteranos do São Paulo cantavam, e eu realmente não gostava, mas era um negócio de índio assim, parava no meio, que eu não gostava, não gosto até hoje. Eu não sei cantar isso aí. Essa torcida da TUSP fazia isso na década de 40, cantava isso aí. Está gravado isso aí, mas eu nunca adotei isso na torcida. Eu achava que o hino do São Paulo era muito lindo, é muito bonito e eu queria apregoar para que a torcida aprendesse e cantasse. A torcida do São Paulo não sabia nem cantar o hino do São Paulo. Verdade. Tem um trecho que é meio difícil, condignamente, [risos] uma palavra meio... “tu és grande, tu és forte, tu és o primeiro”, sim, isso é lindo, mas “condignamente” eu acho meio... Porfírio da Paz devia ter tirado. [risos]

B.H. - E tem algum cântico que o senhor tenha inventado ou criado e levado para a torcida?

H.S. - Não. Quem criava era a torcida assim, mas como eu estou te falando, eu queria ouvir falar São Paulo, São Paulo. Eu sempre queria ver o São Paulo. Para mim em Copa do Mundo, eu não queria saber de Brasil, eu queria aparecesse o São Paulo. Lá na França o Raí, nós fizemos lá um... teve um salão Delfino e todos os times fizeram seu salão, com os brindes, essas coisas, e a do São Paulo, e o Raí jogou lá, o Leonardo, são ídolos até hoje, e aí então fizeram pôsteres grandes do Raí, e o São Paulo foi o único clube que deu jogadores as copas, até a penúltima. Então deram bastante brinde para mim, tudo que sobrou lá eu distribuí na França. Levei para todos os lugares. Só porque estava falando do São Paulo. Muita gente da França não sabia quem era o São Paulo. Sabia do Raí, do Leonardo, mas eu sempre nas copas do mundo fazia questão de levar o material do São Paulo para divulgar o São Paulo. Não me preocupava com canto, eu queria ver o distintivo São Paulo, onde eu via o distintivo São Paulo eu ficava feliz. No Chile, depois do jogo a gente teve uma reunião, fizeram um jantar para nós, e aí no centro do Chile tem lá uma placa grande, SPFC, eu falei, pô, tem São Paulo aqui? Eu falei para o cara passar bom brill, limpar lá, engraxar, limpou lá, dei até um dinheiro para ele sempre limpar lá porque estava escrito SPFC [risos]. [inaudível] Aí o Elias Figueiroa me explicou, eu era muito amigo do Elias Figueiroa, ele jogava no Aparecido do Chile, até foi interessante esse jogou do São Paulo lá, em 77, aí ele explicou que era o nome do bairro, e o restaurante... era o nome do bairro. Aí entendi. Eu briguei no avião também, sabe? Quando eu fui para o Chile. Porque o Getúlio me contou que tinha um cara lá, um jornalista, que metia o pau no São Paulo, chamava *A hora do Jegue*, o programa do cara, imagine, o cara via uma rua quebrada, diz que ele ia lá e ia consertar a rua, via não sei que, um cara polêmico, e falava mal do São Paulo. Aí o Getúlio me contou dentro do avião, aí eu fui lá discutir com o cara lá na primeira fila, falei porque ele fala do São Paulo, aí o cara pegou uma garrafa de uísque e jogou na mão, aí briguei com ele, quando desceu do avião, discuti bastante com esse cara, aí eu vi que ele ia ficar no meu hotel, ele mudou de hotel. [risos] Ele e mais uns dois jornalistas, mudaram de hotel. Aí eu fiquei no hotel, o São Paulo queria me levar para o Sheraton Hotel Carrera que é mais chique, aí eu quis ficar no Sheraton no centro, onde teve o Allende lá, tinha até bala lá na parede, eu falei, eu quero ficar aqui no do Atlético porque eu não quero deixar ninguém dormir. Eles iam jogar com o Palestrina do Chile e nós íamos jogar com o União Espanhola, que agora está de novo forte, era mais fraco, foi a vice lá. Aí eu fiquei a noite inteira. Aí eu levei a torcida, homens, mulheres, levei umas mulheres, e lá as mulheres formaram uma amizade com as mulheres de lá. Aí de noite eu saía desfilando com batucada, aí os caras onze horas da noite punham

nós para dentro porque estava em estado de sítio lá, lá falava outro nome, recolhia, mas a polícia vinha, depois das onze horas ninguém ficava na rua. E aí anoite inteira nós fizemos uma batucada, uma barra lá, e aí os jogadores... só quem não ficou com mulher lá foi o crente lá, o João Leite e o Barbatana, que era... e o Ney Lasmar, é muito meu amigo o Ney, agora o filho dele é preparador, o Neylinho, conheço aquele moleque de pequeno. Aí fiz uma bagunça danada, todo mundo lá com a mulherada. Tinha uma boate em cima com piscina, e eu no quarto desses atleticanos não deixei ninguém dormir, e eu também não dormi, bagunçamos. Aí de manhã pego e vou lá para o outro hotel, chego lá, “dr. Aidar, esses caras vão tomar um cacete do Palestina porque eu não deixei ninguém dormir, presidente, o senhor você vai ver hoje, nenhum jogador...”, “é mas aqui vocês não trouxeram as mulheres, não é?” Os jogadores ficaram... Aí hora do jogo. Começou o jogo. Primeiro o Palestina do Chile e Atlético Mineiro, eles tristes, tinham perdido o título. Nós sentamos na arquibancada lá, tinha lá uns dez, 12 atleticanos de camisa e nós aqui embaixo, o time do São Paulo, e eles gritavam “Chicão, covarde”, porque o Chicão pisou no Ângelo, lembra? Não sei se vocês sabem dessa história. O Ângelo se machucou numa entrada nele, ele pegou firme, no chão ele pisou, então ele ficou odiado pela torcida do Chicão, foi um leão aquele dia lá, jogou tudo. E aí eles xingavam, covarde, e chamavam o Neca de bicha. Aí falei para o Chicão, “oh, Chicão, vamos lá quebrar a cara daqueles caras lá?”, “vamos lá”. O Chicão na hora, já levantou e fomos lá. Deu um pau, o Chicão perdeu o relógio, caiu o relógio, brigamos com os caras, separou, puta briga, aí separou, descemos para o vestiário, aí o time do Palestrino que não dormiu a noite inteira, o Atlético ganhou de 5x2, aí foi jogar o São Paulo e o União Espanhola, fizemos desfile com a torcida, agradecemos o Chile, fizemos uma volta lá no campo Nacional deles lá, demos uma volta, aí o São Paulo 1 União Espanhola 1, lá não dormiram, não ficaram com mulher e não ganharam nada. [risos] É verdade isso aí. Jogador falava, está vendo, não ficamos com mulher nem nada e não ganhamos nada. Aí fomos jantar. São histórias assim. Você veja meu fanatismo pelo São Paulo. Eu não queria que os caras dormissem para que nós pudéssemos nos classificar em primeiro lugar na Libertadores. E o Atlético ganhou de cinco e nós empatamos com o Leão Espanhola.

B.H. - Hélio, nesse jogo de provocações das torcidas, os palmeirenses viraram porco, os corintianos viraram gambas, e os são paulinos...

H.S. - Você sabe da verdadeira história?

B.H. - Não.

H.S. - Seguinte. Esse negócio de porco eu fui o causador disso. Essa história eu nunca contei, vou contar para vocês pela primeira vez. Já falei para alguém que não é de imprensa, nada. Ia jogar Palmeiras e Corinthians, eu conhecia todos eles. Tinha um diretor que chamava o sobrenome dele Messi, não, Médici, nome do presidente, o sobrenome dele, um cara grandão. Eles falaram “Hélio, olha o que nós estamos querendo fazer, nós queremos colocar um porco lá dentro do Morumbi, como vamos fazer?” Aí, como eu tinha acesso, aí eu boleei com eles, eles botaram numa caixa, mais ou menos desse tamanho. Puseram um porquinho lá dentro já engraxado, aquela coisa, pintado de verde. Eu falei, pô, tem que dar comida, aí guardei na minha sede, fui lá e levei escondido, entrei; eu ia entrar com caixa ninguém ia saber que caixa é, entrei, levei esse porco... só não podia esse porco chiar na hora que estava entrando [risos], aí subi pela escada, nem fui pelo elevador, aí soltei o porco, deixei o porco lá. Rapaz, tive que levantar cinco horas da manhã, fui lá para o Morumbi, aí os que viram, “pô... esqueci um negócio”, dei uma desculpa e entrei. Aí fui lá por esse porco na caixa, pus esse porco na caixa, aí papel celofane, embrulhei, aí dei uma braçadeira para o Médici para ter acesso livre lá dentro do Morumbi. Antes as propagandas eram um negócio assim, comprido, e tinha aquele vão aberto assim. Aí eu fui cedo, entrei e pus essa caixa lá embaixo e avisei eles onde estava a caixa. Aí esse cara com credencial, quando faltava uns 40 minutos ele entrou, desci com ele, ele entrou no campo. Na hora que entrou, foguete, bandeira, aquela coisa toda, aí ele entrou bem no meio onde os caras iam tirar fotografia, ele pegou e pôs a caixa lá, o Ademir foi abrir a caixa, aí esse porco saiu correndo pela... a turma para pegar esse porco... Foi eu que escondi o porco lá dentro. E a turma desconfiava de um, de outro, saia comentário o tempo todo, mas quem pôs o porco lá dentro fui eu, quem escondi foi eu. O Gaviões que pôs esse apelido de porco.

J.F. - Esse Médici era dirigente da Gaviões ou do Corinthians?

H.S. - Da Gaviões. Nunca mais vi esse cara.

B.H. - Você lembra que ano foi isso?

H.S. - Rapaz... foi na década de 70, acho que foi depois do Corinthians ser campeão, acho que foi em 78, quando o São Paulo perdeu para o Santos, acho que foi isso. Que eles puseram o apelido de porco e pegou. Mas ninguém podia saber, já pensou? “Foi o Hélio Silva”, nossa... que encrenca eu ia armar com as duas torcidas. Com os Gaviões, não, mas com o Palmeiras... Eu que escondi o porco lá. Agora eu posso falar porque faz tantos anos. Mas lá no São Paulo, nossa, esses diretores, esses caras queriam saber quem foi. Foi um comentário pesado na época, nossa, queriam saber, nossa. E com o São Paulo com

a Ponte Preta que eu tentei jogar um gato lá, o São Paulo estava perdendo, eu quis jogar o gato lá para apagar a luz para não ter mais jogo, os caras não deixaram eu subir lá. Eu ia jogar um gato na eletricidade para apagar a luz toda, [risos] porque eu tinha medo de pegar a chave, porque eu sabia onde apagava a luz no Morumbi, eu sabia tudo. Eu tentei, mas não consegui não. Eu queria também fazer uns buracos antes do jogo no Morumbi, fazer uns buracos para não ter o jogo. Tudo são realidade que eu fiz, viu? Os caras proibiam porque sabiam que alguma coisa eu ia aprontar, mas essa do porco ninguém descobriu, não. Até hoje.

B.H. - Mas a pecha do são paulino de bambi o senhor levou na esportiva?

H.S. - Não levo até hoje por que... Eu sou amigo do Vampeta, volta e meia eu vou lá. Eu sei que ele é um cara brincalhão, ele está sempre no União Operário, eu vou lá no domingo, contribuí sempre com o União Operário, mas foi uma brincadeira que ele fez, mas a gente não sabia que ia dar essa repercussão, talvez no momento. Até hoje, e ele fala para mim que se arrepende até hoje, que isso criou um clima, já tentaram matar ele, não sei quem, mas já tentaram matar ele, ele já falou para mim, que já tentaram matar ele várias vezes. Que a torcida do São Paulo queria pegar ele; agora, quem é, que facção, não sei quem é, mas ele diz que até hoje... Então você vê, quando fala coisa, ele vai dar entrevista, ele fala, não me pergunta isso, ele já falou para mim. Ele vai nos programas, não... Hoje a gente conversa, mas realmente eu tenho essa mágoa com ele. Ele fez isso aí e pegou, não é? E isso repercute mal, porque isso gera o que? O cara fala isso aí; eu mesmo tenho sangue quente, eu perdi uma amizade de 15 anos com um cara por causa disso aí, eu agredi o cara, porque ele falou na minha cara, onde tinha a biblioteca, desceu uma pessoa de um carro, de terno, e eu não conheço a pessoa, nem sei o que o que o cara faz, bem vestido, e tinha esse cara do meu lado, esse era meu amigo, conversando comigo, desce a pessoa do carro “oh, seu Hélio Silva, muito prazer, tal”, o cara “eh, você também conversa com bambi?” Eu dei de primeira, pá, caiu. Não conversei mais. Foi uma reação espontânea que a gente tem. Então isso causa violência.

B.H. - O senhor falou biblioteca?

H.S. - Na Biblioteca Municipal, Mario de Andrade, do lado, onde tem aquela banca de jornal. O cara era meu amigo há mais de 15 anos, perdeu a amizade. Mas dei uma de direita que ele caiu. A gente que brigou sabe onde bate, então... Essa de bambi gera uma... Eu tenho meu temperamento, cada um... dependendo do lugar e a hora, o cara reage. Isso é do ser humano. Eu sou um fanático, pô, para falar do São Paulo para mim, fala da minha mãe, mas não fala do São Paulo. Coisa de torcedor, não é?

B.H. - Hélio, conversar um pouquinho sobre os estádios. Agora quando teve a Copa do Mundo foram construídas as arenas, aqui em São Paulo o Corinthians construiu a sua arena, o Palmeiras. Como você vê o Morumbi e essas transformações dos estádios nesse contexto atual, com elevação do preço do ingresso? A reação do sócio torcedor? Como você vê esse momento de mudança do perfil do frequentador do estádio de futebol?

H.S. - Em algum aspecto eu acho que foi bom. A Copa do Mundo que era o sonho de nós brasileiros ser aqui. Mas a organização que eu falei que foi tão bem organizada, eu não gostei de certas coisas aqui. Primeiro que eles fizeram campos de futebol politicamente, em lugares que não tem futebol fizeram, não que eles não mereçam, mas eles mereciam... no próprio estado que tem se não tem capacidade, não tem, o que vai fazer? Como em outros países. Têm tantas cidades, como na Espanha eu vi, tantas cidades lindas e maravilhosas que não teve Copa do Mundo. Na Alemanha, cidades fantásticas que não tinham condições de ter Copa do Mundo. E aqui também difícil de fazer, o que vamos fazer. “Ah, mas a Amazônia tem que mostrar para o mundo”. Mostra de outra forma, vai mostrar desse jeito, deixar um estádio daquele abandonado, foi o que fizeram! Então eu acho que como aqui fizeram em Itaquera, acho legal que hoje mudou tudo naquele pedaço, ficou bonito ali, porque fez coisas para o povo, fizeram uma arena que essa foi bem. Agora, em relação ao Morumbi, politicamente foi feito arena por causa que não aproveitaram, por causa da política, porque o São Paulo estava no mínimo, no mínimo 60% pronto, no mínimo. Faltava de R\$ 300 a R\$ 400 mil para fazer o que precisa fazer. Essa é a realidade que eu sei e vocês sabem. Mudaram tudo porque o Teixeira, que eu briguei a vida inteira com ele, por causa disso aí, sempre foi um sem vergonha, o maior cambista de Copa do Mundo chama-se Ricardo Teixeira, que eu presenciei todas essas copas e eu vi. Ele comandava, como comandou o irmão do Romário, em 94, nos Estados Unidos. Vou contar isso para vocês. Fez aquele política junto com o presidente do Corinthians, aquele malandro como corintiano, tem que puxar mesmo, está na dele. Agora, a CBF que pecou nisso daí, porque se o Morumbi só precisava disso e num lugar era estratégico, tudo do melhor, eles pegaram e falharam com o São Paulo, politicamente, aí fizeram aqui. Não é isso? Então eles não olham o futebol. Aí eles compraram esse que veio daqui, que eu te falei, [Walker], fizeram a cabeça desses caras, fizeram mesmo, dele aprovar e desaprovar, quem mandou na Copa foi esse cara, junto com os que estavam fazendo a Copa aqui no Brasil. Então eu achei mal fazer essa parte de fazer os estádios, gastaram milhões e milhões, quando você vê a saúde aqui, na miséria, do jeito que está aqui gastar esse dinheiro. E na minha opinião, de Copa do Mundo que torcedor... que

fizeram a Copa do Mundo aqui para torcedor, eu não vi em estádio nenhum torcedor. Torcedor de verdade. Eu vi uns torcedores de classe média para rica. Ingresso que eu tenho de todas essas copas que sobrou para mim, e algum que eu tenho... que a gente dá os ingressos lá, o cara me devolve, a Copa mais cara do Mundo foi essa. Só para vocês terem uma ideia, a Copa do Mundo de 94, eu tenho oito ingressos ainda, que sobrou ingresso porque o Pelé não [inaudível] da Copa, era US\$ 1mil, final, lá em Los Angeles. Aqui você vê ingresso teve cara vendendo por R\$ 4 mil, R\$ 5 mil, então. Aquela torcida que eu via lá, eu não vi nenhum torcedor do Corinthians, do São Paulo, não vi nenhum. Eu acompanhei, eu vi, só gente bacana. Que Copa foi essa? Para mim foi a pior Copa de todas que eu assisti, foi no Brasil. Sem motivação, sem nada, não reconhecer os verdadeiros... Pois é, você fez uma pergunta, você vê, o Marinho é meu amigo, eu podia ir lá na CBF e falar para me dar os ingressos, eu tenho certeza que ele me daria todos, tenho certeza que arrumaria os ingressos, com convicção. Eu não fui em nenhum, porque eu achei um absurdo os preços, e de eu me ver sozinho lá, sem saber quem é meu parceiro do lado, brasileiro, mas eu queria ver a minha torcida, do Corinthians, Palmeiras e Vasco, tudo, eu não vi isso. E quem você via com a camisa lá, é tudo gente... pode ter certeza disso, eu vi.

B.H. - Além dos turistas que vieram de fora.

H.S. - Então, que Copa foi essa no Brasil? Sem motivação nenhuma. Depois eles não aproveitaram... Dizer que nós somos o país do futebol, então porque não usou os elementos que consagraram nós, esses grandes craques do passado, como o Pelé, todos os países... o Prati, todos os países tem os grandes que cuida da Copa lá do país deles, aqui você viu o Pelé aonde? A Copa mais pobre de abertura foi a nossa, uma vergonha. Essa abertura nossa foi uma coisa absurda e gastaram um bi, 150 mil, não é isso? Trouxeram um americano, a Claudia Leite e um cara que ninguém sabe quem era, não aproveitou os cantores nossos, não aproveitou nossos ídolos, o Pelé não deu o ponta pé inicial, o Pelé não foi nada nessa Copa. Então eu não entendo; porque a rivalidade, porque o Pelé é isso, o Pelé é aquilo... não interessa, interessa que ele é o maior mito vivo, é um ídolo no mundo. Eu vi o Pelé na França, eu vi em todos esses países aí. Nos Estados Unidos, hem, quando acabou o jogo, um assessor dele pediu para mim duas caixinhas [inaudível], para eu levar lá onde ele ia sair, tinha um helicóptero esperando ele lá. Perto do estádio, uns 500 metros antes do estádio. Aí eu fui para lá. Eu para chegar lá... e eu não entrava, uns seguranças de dois metros, grande, aí eu esperando lá. Quando eu vejo, estou pensando que é o presidente dos Estados Unidos que vem vindo lá, vinha uma

multidão de mais duas mil pessoas, era o Pelé que vinha vindo. O cara é ídolo em todo lugar do mundo, reconhecido. Aqui no nosso Brasil não passa nada. Então a gente fica indignado com isso, que aqui eles não aproveitam. Por exemplo, a torcida quer alegria, todo mundo gosta, a gente vai nos outros países, o que eles mais falam é da nossa torcida, que lá na Europa fica tudo em silêncio, então eles veem que é do Brasil, então eles achavam que aqui nós íamos ser a maior Copa do Mundo, para o torcedor mesmo, não viram nada. Você não viu nada, nos gols, não viram festa. Quer dizer, tiraram a alegria que seria aqui. Então para mim foi uma Copa que eu não vi nada. E muito menos futebol.

B.H. - E o senhor acha que o Morumbi deve passar por uma reforma, se transformar numa arena como as outras, como aconteceu com o Corinthians e Palmeiras?

H.S. - Eu fui no dia que o Kassab deu o alvará para fazer, eu estava lá nesse dia, o ano retrasado. Eu vi lá, acho que o Morumbi vai ficar muito moderno. Vocês conhecem por dentro o Morumbi?

B.H. - Já fui aos jogos lá.

H.S. - Jogos, não. Quero que você olhe uma vez, se você quiser a gente até marca, para você conhecer tudo lá. Está muito bonito o Morumbi, muito bem organizado. O Juvenal nisso ele fez bem, está muito bonito o Morumbi. Se cobrir da forma que eu vi, o Morumbi vai ficar fantástico, fazendo toda a reforma que eu vi que está no alvará lá, vai ficar muito bonito, vai ficar moderníssimo. E você vê, o próprio corintiano, uma coisa que eu não entendo, todos esses anos aí, quatro, cinco, seis décadas, o Corinthians sempre levou a maior torcida. Agora eles fizeram um estádio pequeno, digo pequeno em relação à torcida do Corinthians, o Corinthians sempre cansou de colocar lá no Morumbi 70, 80, 90 mil pessoas, 100, levou 143, em 77, contra a Ponte Preta, levou 153 mil na final. Vejo agora o Corinthians fazendo... Você vê a violência, eu culpo a violência; você vê agora, eles na Libertadores, não lotou estádio. Fizeram um estádio para 45 mil pessoas, por aí, então, demoraram todo esse tempo, fizeram um estádio para 45 mil pessoas, e que a torcida não está correspondendo, na minha opinião, como torcedor. Porque eu achava que o Corinthians pela sua grandeza tinha que ter um Morumbi, uma torcida de no mínimo, 90 mil, 100 mil pessoas, que eles carregam mesmo a torcida. No entanto está indo pouco por quê? A violência, tudo culpa da violência que deixou o torcedor... Eu ia de quarta-feira para ver, sempre gostei de futebol, ia ver Corinthians e Juventus, Corinthians e Ponte Preta, quinta-feira eu ia, sentava lá na numerada, eu ia as vezes com aquele pessoal, diretor do Corinthians, quantas vezes assisti lá, 45 mil durante a semana. Hoje o Pacaembu encolheu, põem 35, não sei o que aconteceu, e não tinha nem o topogan, depois

fizeram o topogan. Cansei de ver, de quarta-feira, 30 mil, 40 mil pessoas no Pacaembu. Está aí as estatísticas, só ver os jornais. Era gostoso ver um jogo desse. Alegria da torcida. No entanto agora fizeram o campo do Corinthians, que não está lotando mais. E veja a população que triplicou. Tudo acarreta da violência, e preço, e carro não tem onde guardar. Então, você soma tudo, alimentação caríssima. Você vê no Morumbi, a alimentação que eles dão no Morumbi, eu falo isso lá no São Paulo, caríssima para o cara comer, os caras que são torcedores, vão para comer sanduiche de mortadela, para comer na rua e tomar uma... esse é o verdadeiro torcedor. Ele só tem aquele dinheirinho para pegar condução e voltar e tomar uma cerveja e no máximo comer... esse é o torcedor, e o do corintiano muito menos, não porque eles são mais pobres, mas é a massa do Corinthians. Aí eles põem lá tudo caro, os caras não bebem, não comem, porque é um absurdo.

B.H. - Hélio, você mencionou que você deu um trabalho de assessoria parlamentar na Assembleia Legislativa.

H.S. - Na Câmara.

B.H. - Assessorando que deputado, vereador?

H.S. - O jornalista, Walter Abrahão.

B.H. - Foi agora, recente?

H.S. - Não, foi quando a Erundina era prefeita e o Suplicy era o presidente da Câmara, 86, depois do Jânio Quadros, a Erundina.

B.H. - Aí o senhor teve essa atividade lá?

H.S. - Tive atividade com o Walter Abrahão. Viajei muito com ele, sou muito amigo da família dele. Sempre participei de programas deles. Quando ele estava na “Mile 40” da *Tupi*, fiz vários programas dando entrevista, assim como estou falando com vocês, eu falava do São Paulo, ele me abriu espaço.

B.H. - E conhecer por dentro essa atividade legislativa como foi para você, o que você achou da vida política municipal?

H.S. - Eu fazia lá na Câmara... Até ele me deu uma punição, uma espécie de punição porque proibiu... Porque eu com a torcida do São Paulo e pela liderança que eu tinha, o nome que eu tinha, eu elegi o Walter Abrahão, e não tenho dúvida disso por que... não só eu como os próprios políticos na época falavam, como Dalmo Pessoa e tantos outros lá, o Blota Júnior “Hélio, ele já está aposentado para o rádio, e você no partido que está”, que era o Maluf, que estava mal quisto na época, “não vai dar certo para você, para eleger o homem”. Aí mais eu trabalhava. Perdia para a torcida no Morumbi, era proibido mas

eu jogava lá santinho para todo mundo e falava, vocês vão votar em mim, que lá vocês vão ter uma voz para vocês, vendia meu peixe do jeito político, e aí ele se elegeu, e se elegeu de sete candidatos do Maluf, ele entrou em quarto, na época. Então eu fiz um trabalho muito bonito para ele, tenho consciência que eu elegi o Walter Abrahão. Depois na segunda gestão, ele ganhou de novo, só que ele foi para o Tribunal de Contas, aí ele não me levou, aí eu fiquei magoado com ele, porque aí ele não me levou. Só levou o filho dele, não tinha nada a ver, o Waltinho, que está até hoje na prefeitura.

B.H. - Em algum momento o senhor pensou em se candidatar?

H.S. - Eu me candidatei, agora na última, pelo Pátria Livre só para fazer número, mas não trabalhei, não fiz nada, só me candidatei, porque eles precisavam de um número lá, tal, mas eu não me envolvi assim de fazer campanha, de ir no São Paulo, não fiz nada, porque eu achei que a minha época foi. Na época se eu tivesse me candidatado, quando eu era o Hélio Silva mais conhecido que o presidente do SP, modéstia parte, aí era a minha hora, e eu não aproveitei minha hora. Porque eu também não gostava disso. Eu para fazer para os outros, tudo bem, mas para mim, eu não tinha perfil para política, então nunca liguei para isso. Não me interessei de ficar assim em cima. Os outros falavam “Hélio...”, “essa não é a minha área”. E aí na Câmara, eu desentendi com ele porque na Câmara me telefonava gente todo dia, direto. Então teve um dia que ele me chamou lá e falou “Hélio, o Gabinete está reclamando de você, queria falar com você”. “Perfeitamente”. “Sabe o que é, está vindo cem telefonemas aí, 90 é para você”. [risos] Eu falei, “porra, nada mais justo, não é, pô, torcida do São Paulo”, “Hélio, então eu vou dar meu escritório lá na João Mendes, você marca os dias para atender lá”. Porque eu batia o recorde lá, que ia gente lá no Biro Biro, ia no Éder Jofre, e eles mesmos não atendiam os caras e mandavam para mim. Um queria jogar bola, outro queira ser segurança, porque era ex lutador. O Éder Jofre sendo o Éder Jofre, que foi campeão mundial, não atendia e mandava para mim. E as moças atendentes falavam, vai lá no Hélio Silva que ele atende. E eu tenho mercado das pessoas que vinham, eu atendia cem, 150 pessoas por dia, 120, eu atendia naquilo que eu podia. A Câmara pedem o dia inteiro. Só que eles fazem o seguinte, chega alguém lá na Câmara ou na Assembleia, “em que posso servir? O vereador não está, não sei o que”, eu ficava louco da vida com isso. Eu fazia atender, eu queria que ele atendesse. Então eu fui criando uma antipatia perante o Gabinete. Porque um dez para meio dia ia almoçar, não voltava, tinha dois advogados que o Suplicy me chamou para dizer que os caras não vinham nem assinar holerite, três meses sem ir lá na Câmara. Recebiam porque vai lá com o cartão e tira, então eu era contra. Por isso que eu não dava liga. E eu atendia o povo

daquilo que precisava. Eu fazia contato com empresas de emprego e cadastrava eu lá, eu mandava para as firmas de emprego, eu fui em todos os supermercados com o carro do Gabinete, ia lá, falava quem eu era, e aí eu falava dos meninos no horário que não estudavam, para deixar eles carregarem o carrinho lá, credenciar direitinho, para que eles começassem a aprender uma profissão, para começar a aprender a trabalhar para ajudar a mãe, tudo isso eu fiz isso aí para ele, e no Gabinete eu fazia trabalhar. Era interessante. Eu coloquei na Vergueiro, no Hospital Municipal, uma prancheta, bom, ruim, razoável, não lembro os itens, para atendimento. Você entrava lá no hospital, quando saía eu mandava perguntar como foi atendido, se atendeu bem, se não atendesse, vinha para o Gabinete, mandava o vereador ver quem comandava lá o hospital, para reclamar que não estava atendendo bem, aquela coisa. Eu distribuí o Gabinete para tudo quanto é área, social, nas regionais, ver se o regional estava cuidando do jardim, mexi com tudo. Rapaz, o Gabinete... criei guerra lá, ninguém quer trabalhar, na Câmara ninguém trabalha, não, ninguém trabalha. No Gabinete do Biro Biro era uma farra. Nego jogando baralho, outro [inaudível], do Éder Jofre, com todo respeito... Esses caras não se elegeram de novo, tem o troco. Eu falo porque eu estive junto e eu sei como é, e continuo falando, poucas pessoas trabalham na Câmara, e não atende ninguém. Vereador nunca está, está ocupado, não atende o povo. Só quando faltar três meses para as eleições, depois some quatro anos, todos, raríssima exceção. E não tenho medo de falar não, e comprovo, só mandar alguém lá. É assim. Então não me dei bem na política, para estar junto.

J.F. - Só uma última curiosidade, Hélio, você tem alguma lembrança aqui no Pacaembu, de assistir alguma partida perto ou ter conversado ao lado da Elisa?

H.S. - Da Elisa? Assisti vários jogos com ela.

J.F. - Ela era desbocada, era...?

H.S. - Não, não era não. Mas era uma corintiana ferrenha, e ela não trocava a bandeirinha dela, era uma bandeirinha bem suada, bem suja, bem assim, e ela vinha com aquela roupa tradicional dela, sentava, assisti várias vezes com ela, dei vários depoimentos dela, pelo corintianismo dela; era uma pessoa assim, não gostava nem de conversar, quando estava vendo o jogo do Corinthians para ela, nossa... Não podia puxar, “não, sai, não quero conversa”, quando tomava gol então... mas era uma pessoa maravilhosa, que hoje a gente sente falta dessas lideranças. Você vê hoje essas torcidas, essa juventude aí, não faz questão e saber as histórias deles que criaram, que são discípulos meu e de outros grandes líderes, eles não conhecem, não fazem questão de saber. Eles tem que saber a história da torcida, como começou, esses caras que passaram, que hoje eles estão aí por causa que

nós fizemos isso, esse trabalho. A Elisa mesmo, com uma filhinha, uma mulher dedicadíssima ao São Paulo, nossa, ela não perdia um jogo, viajava por conta dela, chegava de madrugada, ia para todo lugar, onde o São Paulo ia ela ia atrás, ou de ônibus, ou de carro, do que fosse ela estava lá junto. E tinha um amor pelos jogadores. Fazia bolo para os jogadores, que ela era doceira do Hotel Normandia aí na Ipiranga com a Santa Efigênia, sabe aquele da esquina, eu ia muito lá, ela me dava doce, e ela sempre fazia um bolo para um jogador, fazia brigadeiro; ela não entrava no vestiário, dava para mim para eu levar, e os jogadores visitavam ela na casa dela. O Teco mesmo foi muitas vezes na casa dela, Teco que hoje ainda é funcionário do São Paulo, Toninho Guerreiro, me lembro de alguns jogadores que iam na casa dela. “Ah, o Arlindo, como eu fiquei feliz”, ela morria de... nossa, quando o jogador ia visitar ela. Até os jogadores mudaram, hoje eles não estão aí com ninguém, para eles é só o dinheiro, hoje eles não reconhecem nada. Vou falar, eu fazia as festas do São Paulo, no fim do ano, eu fazia minha festa para premiar, eu convidava, iam todos os jogadores, ia a diretoria do São Paulo toda, todos os jogadores iam. Ah, aquele que faltasse sabia que eu ia pegar no pé. Era dar o convite, eles mesmos se reuniam, “nós temos que ir”. E iam, uma vez eu levei... São Paulo foi campeão em 86, não foi? Eu levei o time do São Paulo, quis fazer um amistoso lá no sítio do Jair Rodrigues. Lá nós fizemos um campo gramado, e eu convidei foram todos os jogadores do São Paulo, fomos lá e jogamos com o time da cidade. Ninguém acreditou que eu ia levar o São Paulo lá, pois eu levei todos eles, desde o goleiro até o ponta esquerda e alguns reservas. Você veja o carinho, o respeito que eles tinham por mim. Se talvez o presidente do São Paulo convidasse, eles não iam, viu? Quer dizer, é coisa de torcedor. Sabia que o ano inteiro a gente torceu por eles, brigou por eles, a gente brigava por eles, pô, nada mais justo eles darem um dia para deixar a gente feliz, contente. Então eram essas relações que eu sempre tive com os jogadores. Waldir Peres está fazendo um livro agora que ele está me colocando nesse livro, porque eu tenho bastante passagens com ele, coisas curiosas, ele está colocando no livro dele.

B.H. - Hélio Silva, estamos chegando ao final desse depoimento, em nome da FGV, do Museu do Futebol, nós gostaríamos imensamente de agradecer por esse registro que é um registro histórico das suas lembranças, das suas memórias, de uma pessoa que foi central na história das torcidas, da torcida são paulina, das torcias de São Paulo, das torcias brasileiras, então muitíssimo obrigado por ter vindo até aqui e ter tido toda abertura para contar, falar e relatar para nós as suas lembranças, muitíssimo obrigado.

H.S. - Olha, eu fico imensamente agradecido a vocês e fico feliz quando a gente vê alguém lembrar de pessoas que fizeram alguma coisa para a sociedade, para crescer em bom relacionamento, história do futebol que é fantástica. Eu fico muito agradecido, quando eu sou convidado para participar de alguma coisa para falar bem do futebol, e daquilo que a gente fez lá atrás, deixa a gente... Eu cresço cada dia mais, eu cresço porque eu sei que eu fiz alguma coisa de bom, tenho consciencia que fiz alguma coisa de bom no futebol. Então foi um prazer estar aqui com vocês e poder falar um pouco da minha vida no futebol, e creio que vocês, como já entrevistaram vários presidente de torcida, e continuem fazendo esse projeto que é muito lindo, porque falar de futebol que é a minha paixão e falar do meu São Paulo que é a minha vida, São Paulo é a minha vida, sempre foi e será até o último dia da minha vida, será o São Paulo, então eu estou imensamente agradecido a vocês por me aturar todo esse tempo.

Palmas.

[FIM DO DEPOIMENTO]